



ESTUDO

# IMPACTO DA COVID-19 NAS OSCs BRASILEIRAS:

da resposta imediata à resiliência



No momento que publicamos este estudo, mais de R\$ 6 bilhões foram doados por empresas e indivíduos, nos últimos meses, para enfrentar os efeitos da pandemia no Brasil, de acordo com o Monitor das Doações COVID-19, da Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR).

Para se ter uma referência, o valor é 78% superior ao total investido/doador por ano pelos associados do GIFE (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas) respondentes do Censo GIFE 2018 (R\$ 3,25 bilhões), o que demonstra uma grande mobilização da filantropia brasileira para enfrentar os efeitos danosos da pandemia.

Diversas organizações da sociedade civil (OSCs), movimentos, coletivos e grupos estão sendo fundamentais para conectar os recursos emergenciais às populações mais vulneráveis, demonstrando sua capilaridade e eficiência para fazer chegar a ajuda a quem realmente precisa. A grande maioria das OSCs, porém, já fragilizada por sucessivas crises econômicas, corre sério risco de sair ainda mais fraca da crise.

A atenção ao curto prazo e à emergência, portanto, pode estar ocultando uma crise de médio prazo (de 3 a 6 meses). Em outras palavras, a demanda para o importante trabalho das OSCs deve aumentar após a pandemia, mas não sabemos se elas terão recursos para manter suas equipes e sua estrutura fixa para enfrentar os efeitos nocivos posteriores à crise<sup>1</sup> (aumento da desigualdade, violência, atraso na aprendizagem de crianças e adolescentes, precarização das condições de vida de famílias vulneráveis, etc.).

Para entender melhor esse cenário e os impactos da COVID-19 nas OSCs brasileiras, 1.760 representantes de organizações de todas as regiões do país responderam a um formulário entre 17 e 31 maio de 2020. O estudo teve abordagem mista: quantitativa, por meio de questionário online enviado por email e divulgado amplamente nas

redes sociais; e qualitativa, com 15 entrevistas que aprofundaram a compreensão dos dados.

Do total de organizações respondentes, 87% relataram ter todas ou parte de suas atividades regulares interrompidas ou suspensas por conta da crise; e 73% das OSCs relataram que a crise as enfraqueceu.

Chama a atenção entre os dados levantados que, mesmo com as restrições financeiras, até o final do ano a maioria das organizações respondentes (87%) prevê continuar as atividades. Este dado é um alento, considerando que a maioria (também 87%) das OSCs está atualmente oferecendo algum tipo de atendimento às populações afetadas pela COVID-19. O que reforça a importância do seu trabalho no momento atual e ainda no momento por vir — 59% das organizações respondentes acreditam que a demanda por seus serviços deve aumentar após o final da pandemia.

Mas as OSCs serão capazes de sobreviver a mais esta crise? O que caracteriza as organizações mais fortalecidas ou enfraquecidas pela crise? Como lidar com os efeitos da crise? Como repensar suas ações no “novo normal”? E como mobilizar a sociedade — empresas, financiadores, indivíduos e governo — para fortalecer o capital social que as Organizações da Sociedade Civil representam? São algumas das questões que este estudo busca iluminar, e se dedica a aprofundar nas conclusões e recomendações finais.

---

<sup>1</sup> Organizações respondentes do diagnóstico “A pandemia na ótica das OSCs”, do Itaú Social e Plano CDE, apontam para a falta de trabalho e renda, violência, defasagem em educação, problemas de saúde, uso de drogas e vulnerabilidade infantil como impactos negativos da crise em suas comunidades.

# 1

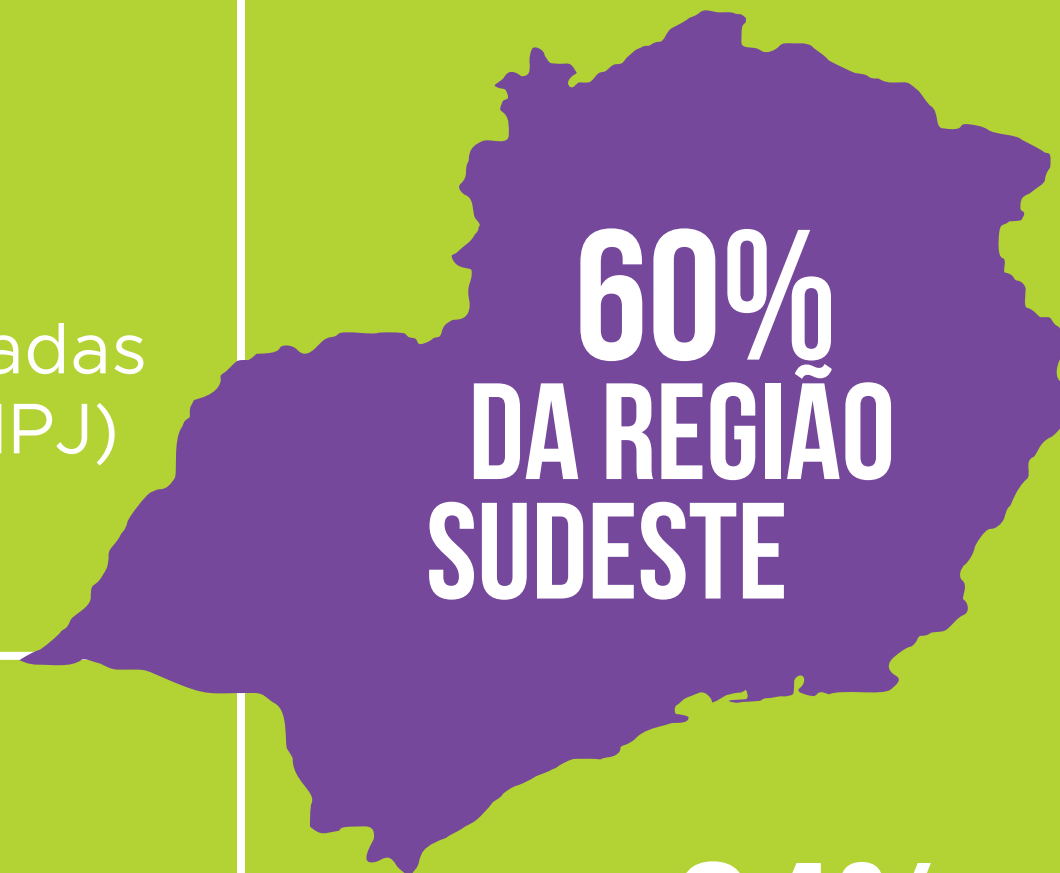
## PERFIL DAS ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES DO ESTUDO



1.760  
respondentes



92%  
formalizadas  
(com CNPJ)



42%



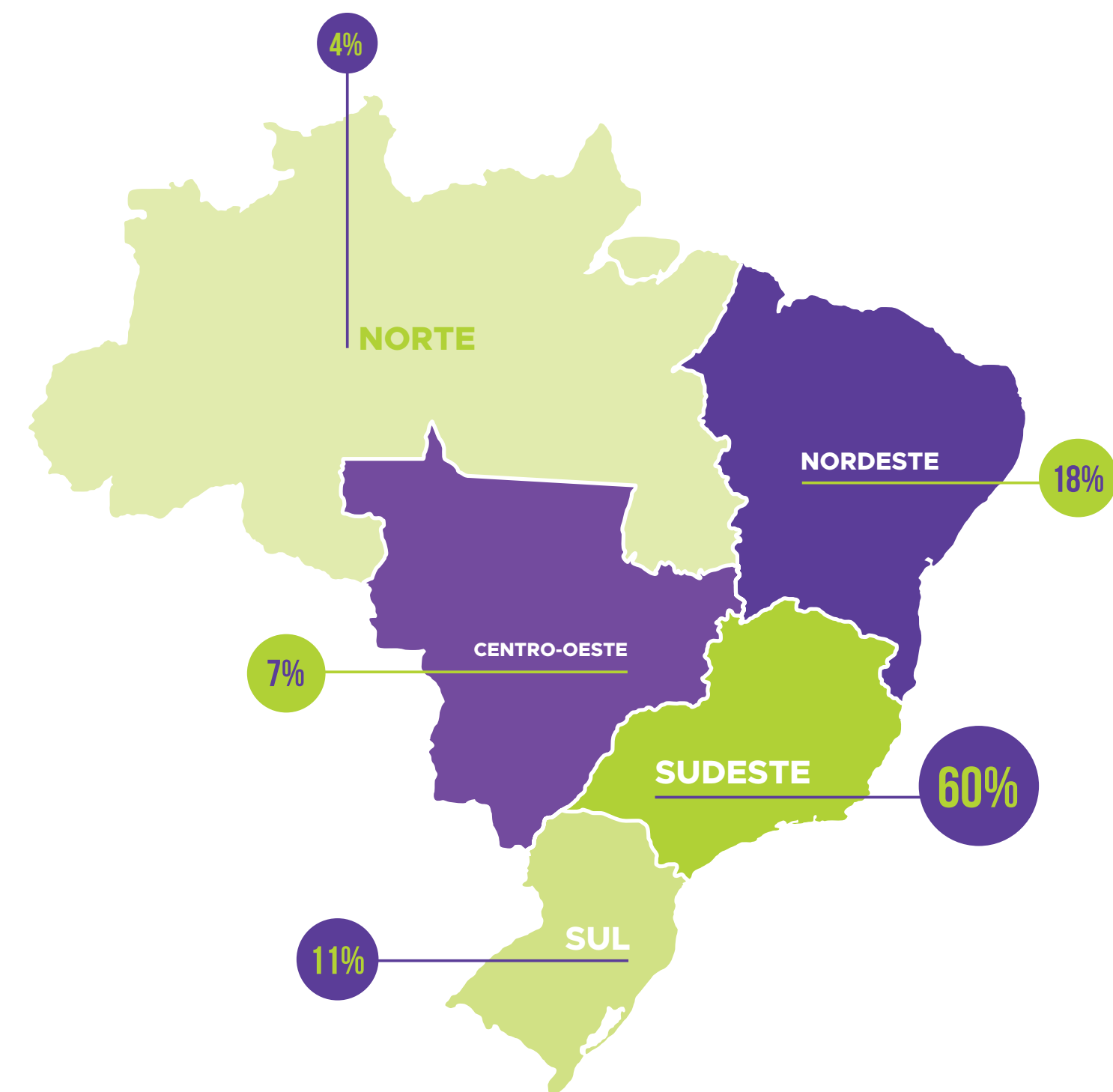
sem orçamento anual  
ou com o orçamento  
de até R\$ 100 mil/ano



34%  
de Assistência  
Social

## A DIVERSIDADE DO SETOR SEM FINS LUCRATIVOS BRASILEIRO

A etapa quantitativa da pesquisa obteve 1.760 respostas válidas, distribuídas entre todas as regiões brasileiras de maneira similar aos principais estudos do campo no Brasil (Fasfil, IBGE, 2016; Mapa das OSCs, Ipea, 2018). As respostas foram coletadas por questionário eletrônico entre os dias 17 e 31 de maio de 2020. A margem de erro dos dados gerais do estudo é de 2% e o intervalo de confiança de 95%.

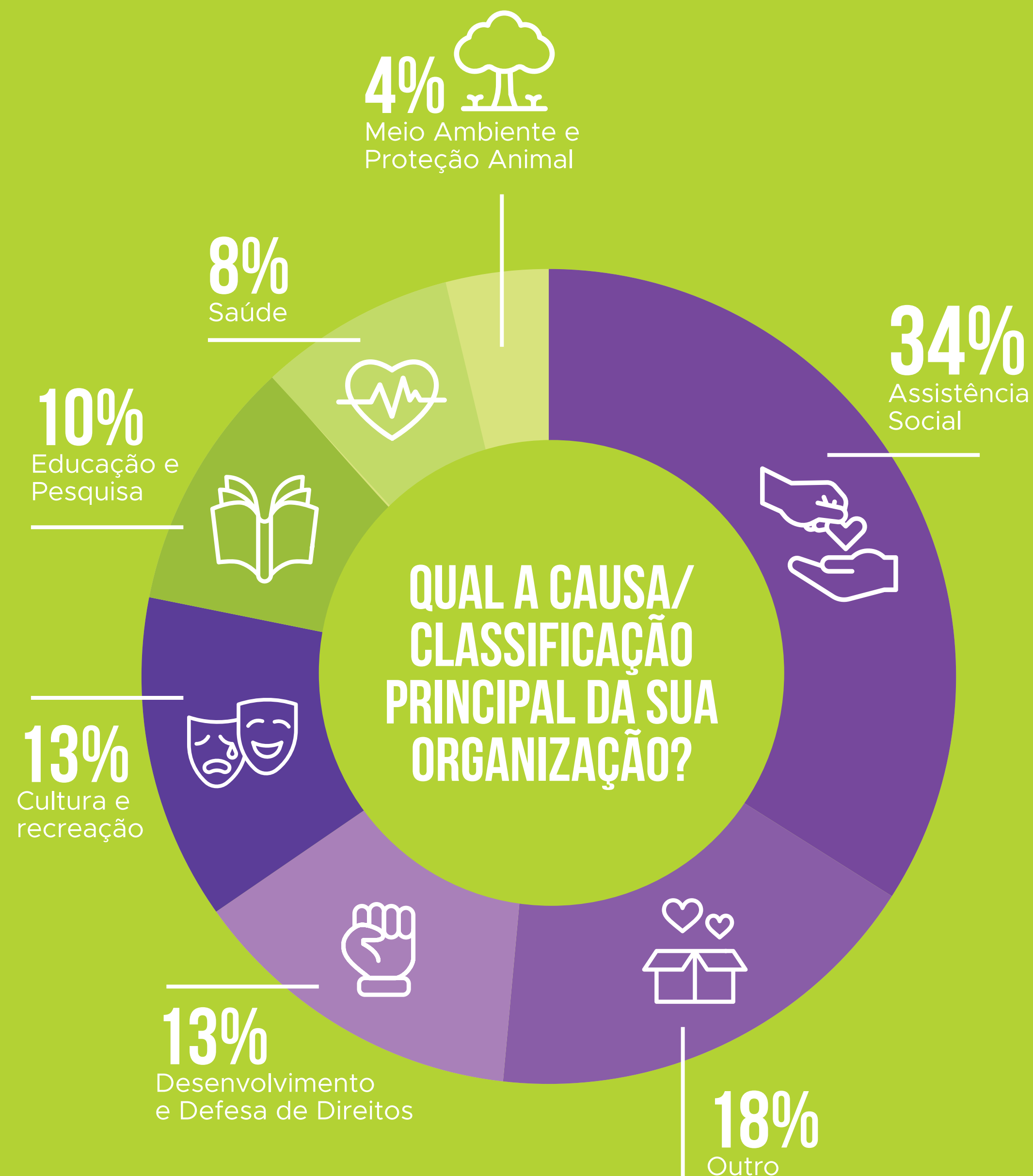


## COMPARATIVO DE DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DO ESTUDO COM AS PESQUISAS RECENTES MAIS RELEVANTES DO SETOR

Região	Mapa OSCs (2018)	FASFIL (2016)	Estudo OSCs (2020)
Norte	7%	4%	4%
Nordeste	25%	19%	18%
Centro-Oeste	8%	7%	7%
Sudeste	41%	48%	60%
Sul	19%	22%	11%

## DESTAQUE PARA AS OSCS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E DA REGIÃO SUDESTE

Dentre as organizações respondentes, houve concentração de organizações que se autodeclararam principalmente atuantes na área de Assistência Social (34%). Boa parcela das organizações (18%) se identificou em “Outro”, apontando para mais de uma causa principal.





# A INCLUSÃO DAS “NÃO FORMALIZADAS” NA ANÁLISE

Foi coletada a informação sobre a formalização ou não dos respondentes, abrindo a possibilidade para que movimentos, grupos e coletivos não formalizados também pudessem participar do estudo. A escolha por considerar respostas de organizações não formalizadas teve o objetivo de não excluí-las da compreensão dos efeitos da crise da COVID-19, dada sua relevância atual nos movimentos sociais brasileiros, em particular após as manifestações 2013, quando se disseminaram os chamados "coletivos".

Dentre as organizações respondentes, a maioria (92%) se declarou formalizada. Destas, 82% forneceu o número do CNPJ e 65% constavam na base do Mapa das OSCs (Ipea).

## FORMALIZADAS X NÃO FORMALIZADAS



**92%**  
formalizadas  
(com CNPJ)

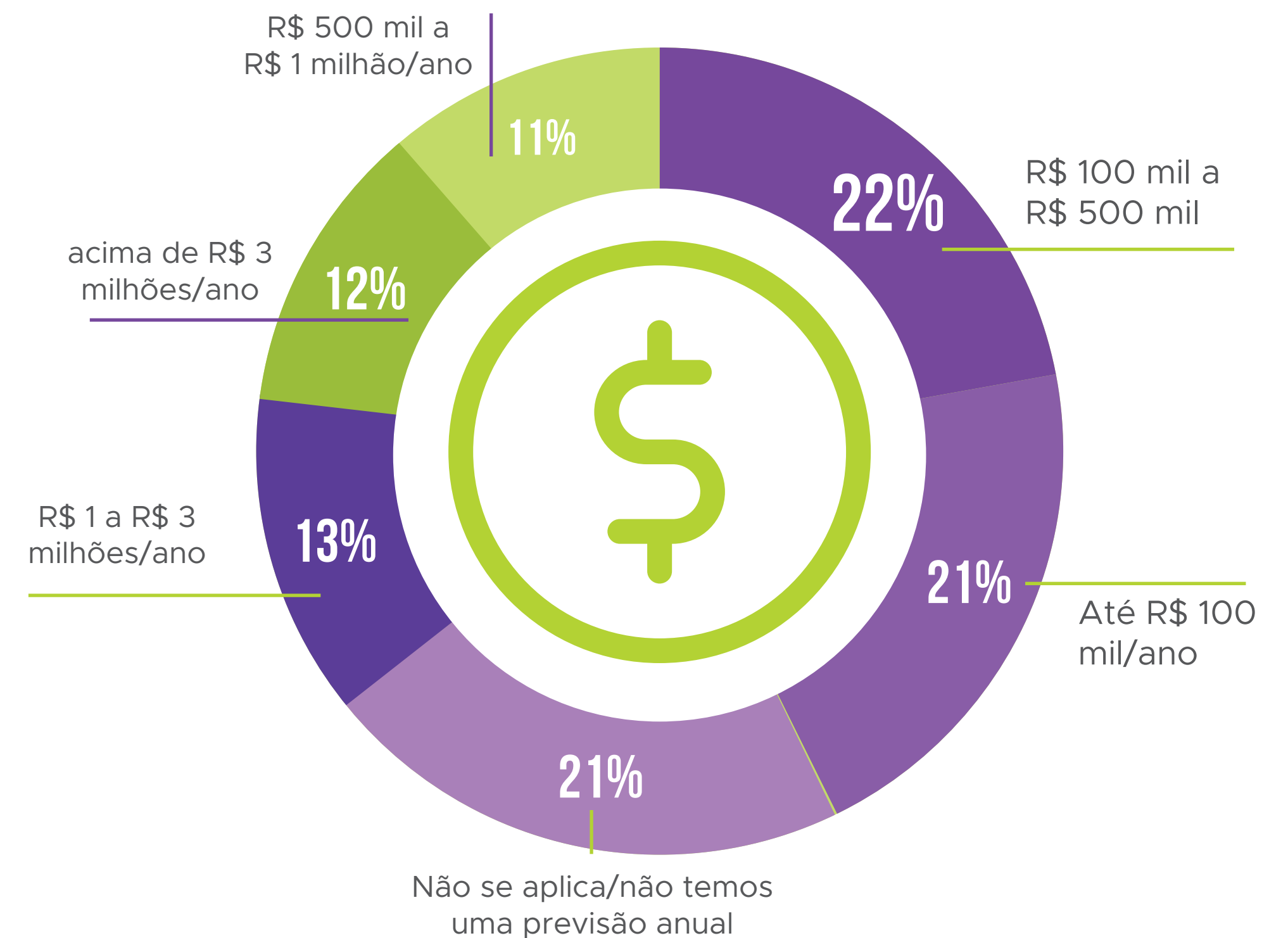


**8%**  
Não formalizadas  
(coletivo,  
movimento,  
grupo etc.)

## MUITAS PEQUENAS ORGANIZAÇÕES

As organizações respondentes foram classificadas em portes a partir da declaração do orçamento de 2019. Grande parcela das respostas (21%) indica a não aplicação ou não existência de uma previsão anual, enquanto outras 21% indicaram orçamento anual de até R\$ 100 mil/ano, o que demonstra um setor formado por uma grande quantidade de pequenas organizações.

### QUAL FOI O ORÇAMENTO ANUAL DA SUA ORGANIZAÇÃO NO ANO PASSADO (2019)?

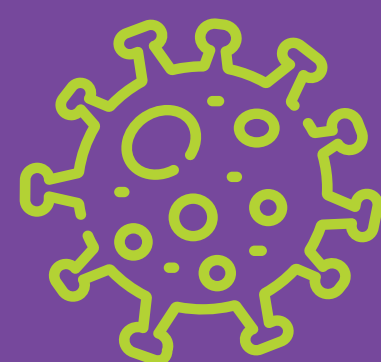


# 2

## PRINCIPAIS IMPACTOS E RESPOSTAS IMEDIATAS DAS OSCs



Dentre as fortalecidas, se destacam as da área de saúde e com orçamentos acima de **R\$ 3 milhões**



Mesmo assim, **87%** das OSCs estão realizando atividades para combater os efeitos da COVID-19



**73%** das OSCs relata a diminuição da captação de recursos como impacto negativo

# 73%

das organizações foram enfraquecidas pela pandemia



As OSCs fortalecidas são mais ativas no combate aos efeitos da COVID-19

# 53%

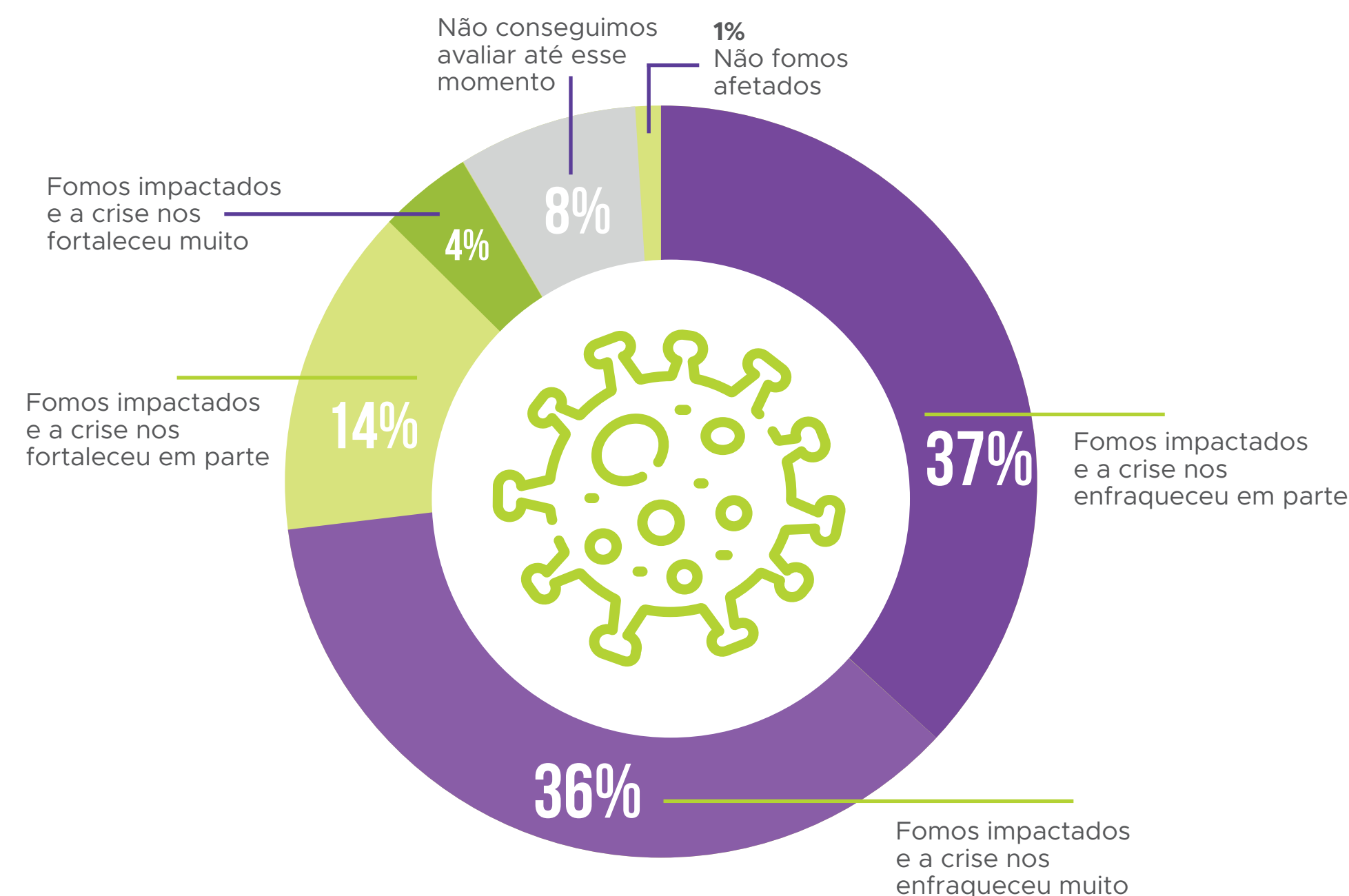
das OSCs relata a aceleração do uso de ferramentas digitais como impacto positivo da COVID-19

Esta parte do estudo buscou compreender qual foi o impacto imediato da COVID-19 nas OSCs brasileiras no primeiro semestre de 2020, assim como se as OSCs passaram por processos de mudanças de atividades para se adaptar e atender aos efeitos causados pela crise da COVID-19.

## ENFRAQUECIDAS X FORTALECIDAS PELA PANDEMIA

As organizações participantes do estudo foram perguntadas de que forma foram impactadas pela pandemia. Apenas 1% das organizações declarou que não foram impactadas. A maioria das OSCs responderes relataram que foram muito (36%) ou parcialmente (37%) enfraquecidas pela COVID-19. E enquanto 8% das organizações ainda não conseguiam qualificar o impacto da COVID-19, 14% relataram que haviam sido parcialmente fortalecidas e outras 4% muito fortalecidas.

### SUA ORGANIZAÇÃO FOI IMPACTADA DE ALGUMA FORMA PELA COVID-19?



Para tentar compreender fatores relevantes para o impacto positivo ou negativo da COVID-19, para a realização de algumas análises, as organizações foram classificadas em dois principais grupos: o das que declararam até então terem sido enfraquecidas e o das que declararam até então terem sido fortalecidas com a pandemia.

## TAMANHO É DOCUMENTO. ÁREA E TEMPO DE ATUAÇÃO TAMBÉM IMPORTAM

Dentre as organizações que relataram terem sido enfraquecidas pela pandemia, destacam-se as organizações de Cultura e Recreação como principal área de atuação. Estas organizações também formam o grupo que menos está atuando em apoio direto às populações afetadas. Em contrapartida, dentre o recorte de organizações fortalecidas até o momento, têm destaque as organizações da área de Saúde.<sup>2</sup>

Sob a perspectiva orçamentária, as organizações que tiveram maiores orçamentos em 2019, especificamente as com orçamento anual acima de R\$ 3 milhões, foram mais fortalecidas

que as organizações de menor — ou sem previsão de — orçamento.

Curiosamente, as organizações com atuação entre 20 e 30 anos (fundadas na década de 90) declararam terem sido mais enfraquecidas do que as organizações mais novas (fundadas após 2000) ou mais antigas (fundadas antes da década de 90). Os dados coletados pelo estudo não foram capazes de compreender os fatores específicos e as explicações que diferenciam o grupo de organizações fundadas na década de 90 das demais — tanto mais novas quanto mais antigas. Como hipóteses não investigadas estão a capacidade de articulação e comunicação, adaptação ao meio digital e respectivos modelos de governança e gestão — que precisariam ser aprofundadas para serem compreendidas.

---

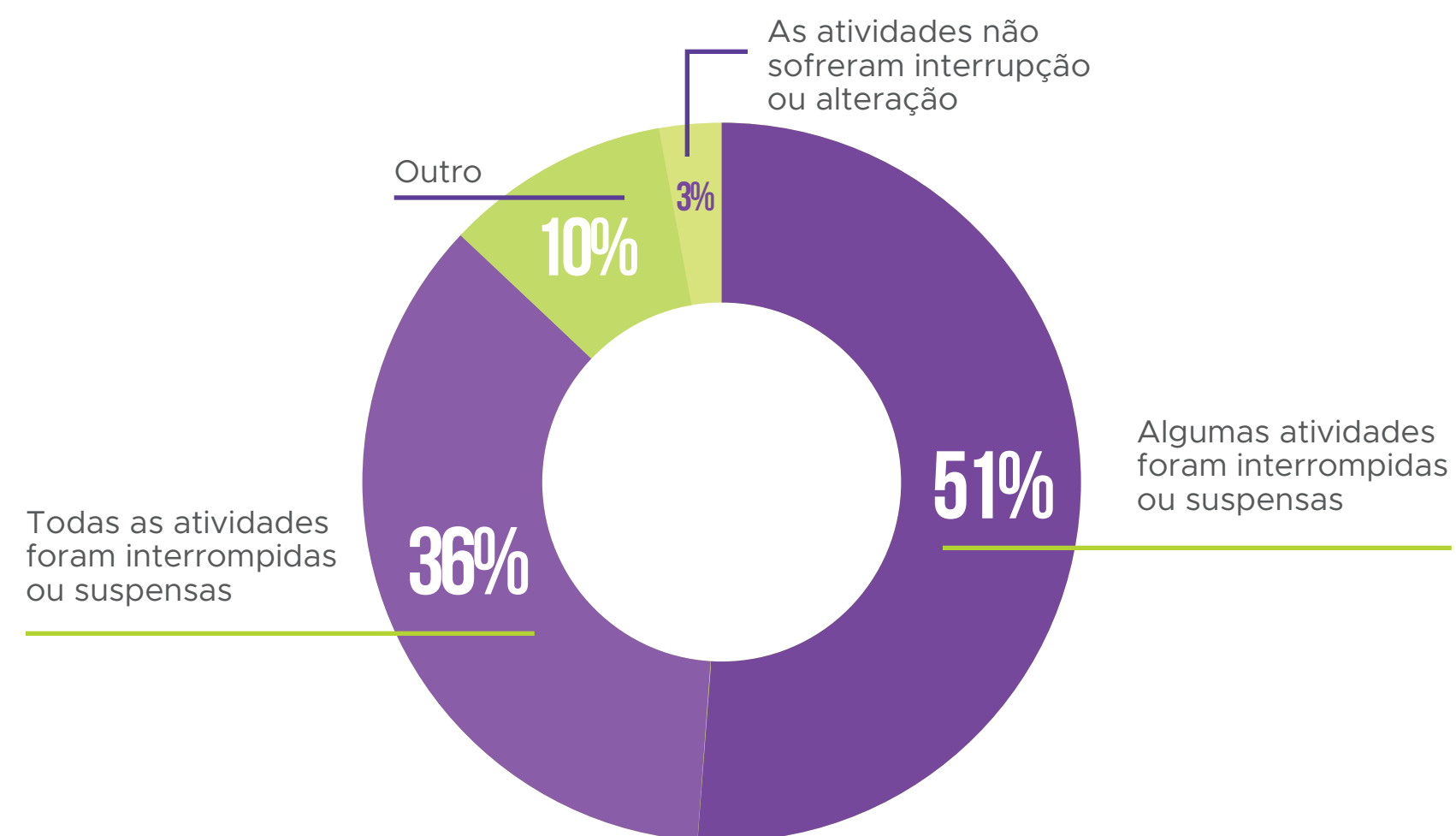
<sup>2</sup> A nota técnica “Os impactos da pandemia de Covid-19 nas organizações da sociedade civil: conjuntura, desafios e perspectiva” nº 67 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em caráter de exemplificação, menciona a possibilidade de repasses às OSCs mediante o estabelecimento de parcerias com fundos municipais de saúde e fundos estaduais, além de campanhas de arrecadação e fundos com foco em saúde.



# APESAR DO IMPACTO SOFRIDO EM SUAS ATIVIDADES, AS OSCS RESPONDEM À CRISE

87% das OSCs tiveram todas (36%) ou algumas (51%) de suas atividades regulares interrompidas ou suspensas. Muitas (44%) das OSCs adaptaram suas atividades para atenderem seus públicos de forma remota e a maioria (87%) se mobilizou para realizar atividades diferentes das realizadas antes da crise, com grande destaque para ações de ajuda humanitária e apoio direto a populações afetadas pela COVID-19.

## COMO A COVID-19 IMPACTOU AS ATIVIDADES REGULARES DE SUA ORGANIZAÇÃO?



## SUA OSCS ESTÁ OFERECENDO ATENDIMENTO/APOIO DIRETO A POPULAÇÕES AFETADAS PELA COVID-19?



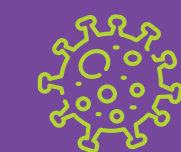
Sim, distribuição de alimentos e/ou produtos de higiene para públicos que já eram atendidos

50%



Sim, adaptamos nossas atividades para atender nosso público de forma remota

44%



Sim, atividades de prevenção/conscientização sobre a COVID-19

37%



Sim, distribuição de alimentos e/ou produtos de higiene para outros públicos

27%



Sim, oferecendo apoio financeiro e/ou material para o sistema de saúde público (hospitais etc.)

3%



Dentre as ações de apoio direto às populações afetadas pela COVID-19, destacam-se a distribuição de alimentos e/ou produtos de higiene para públicos afetados pela COVID-19, em especial para públicos anteriormente atendidos pelas organizações, e a realização de atividades de prevenção e conscientização da COVID-19.

## A MUDANÇA DE FOCO DAS ATIVIDADES

“Toda a equipe está trabalhando à distância, para começar. Como não estamos conseguindo fazer ações de campo, começamos a refletir o que poderíamos fazer pelas famílias que estão nas comunidades onde atuamos. Optamos por realizar campanhas de cestas básicas. Houve muita discussão interna se deveríamos fazer isso ou não, se estava alinhado à nossa missão. Optamos por fazer.”

Diretor - OSC de Habitação Popular/São Paulo

## FORTALECIDAS ESTÃO APOIANDO MAIS DIRETAMENTE

As organizações que relataram terem sido fortalecidas pela crise (18%) estão mais envolvidas em ações de apoio direto às

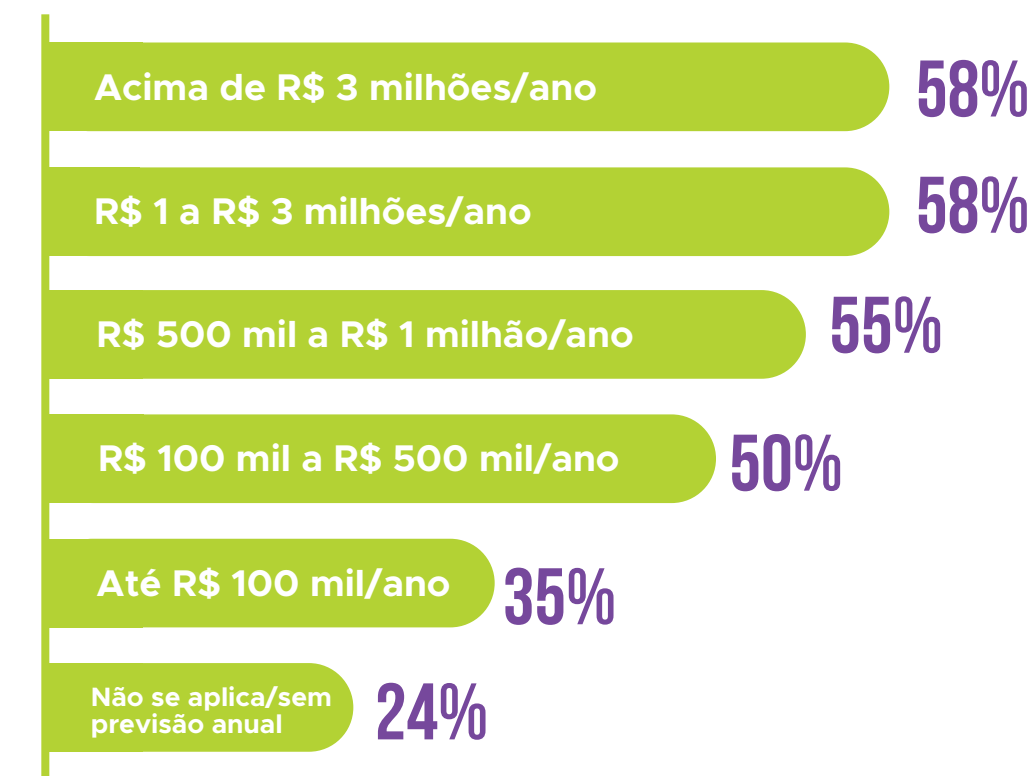
populações afetadas pela COVID-19, especialmente na distribuição de alimentos e/ou produtos de higiene para públicos antes não atendidos pelas organizações — mas também para públicos já atendidos e nas demais frentes de ação pesquisadas.

## MAIOR ORÇAMENTO E CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO

As organizações que sequer têm previsão orçamentária anual (21%) são as que menos atuam no apoio direto, em comparação às organizações que possuem orçamento anual. Quanto maior o orçamento das organizações, mais envolvidas no apoio direto estão. As organizações de maior orçamento também foram as que encontraram mais facilidade para adaptar suas atividades para atenderem seus públicos de forma remota.



### ATIVIDADES ADAPTADAS PARA ATENDER O PÚBLICO DE FORMA REMOTA



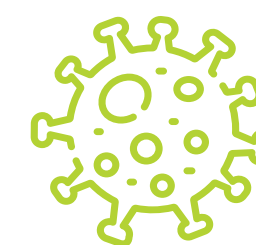
## MOBILIZAÇÃO GERAL

Com exceção às organizações de Saúde, os respondentes que mais relataram dificuldade de adaptar suas atividades para atenderem de forma remota são as de atividade principal de Meio Ambiente e Proteção Animal e Cultura e Recreação. São também as organizações que menos estão apoiando diretamente populações afetadas pela crise. Ainda assim, a maior parte do total das organizações respondentes (87%) está engajada em apoios diretos às populações afetadas.

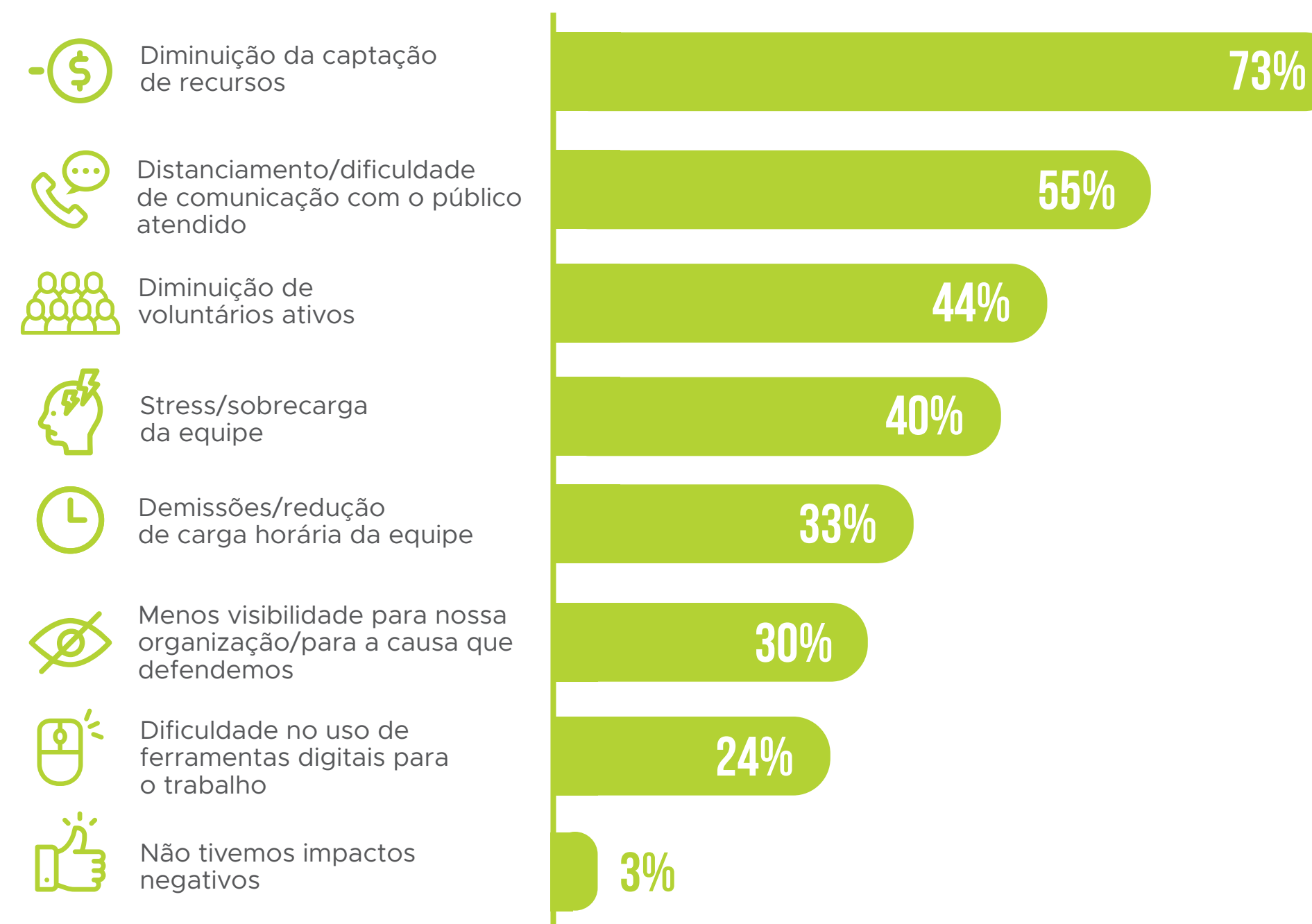
## DIMINUIÇÃO NA CAPTAÇÃO DE RECURSOS E DISTANCIAMENTO DO PÚBLICO ATENDIDO SÃO OS PRINCIPAIS IMPACTOS NEGATIVOS

73% das OSCs respondentes relataram a diminuição da captação de recursos como impacto negativo da COVID-19, em contraste às notícias e registros de aumento dos recursos filantrópicos para enfrentamento dos efeitos da pandemia nas populações mais vulneráveis.<sup>3 4</sup> Os outros principais impactos negativos relatados foram o distanciamento e dificuldade de comunicação com o público atendido (55%), a diminuição de voluntários ativos (44%) e o estresse ou sobrecarga da equipe (40%).

<sup>3</sup> Apesar do “Monitor das Doações da COVID-19” da ABCR mostrar que, até o fechamento deste relatório, mais de R\$ 6 bilhões haviam sido doados como resposta à COVID-19, as organizações relatam diminuição na captação de recursos, o que indica que as doações recedes não estão chegando para apoio às OSCs. O diagnóstico “A pandemia na ótica das OSCs”, do Itaú Social e Plano CDE também indica que a redução de recursos é apontada como o principal impacto da crise nas OSCs.



## IMPACTOS NEGATIVOS DA COVID-19 EM SUA ORGANIZAÇÃO



<sup>4</sup> De maneira análoga, 87% das micro e pequenas empresas do país apontam que o principal impacto da Covid foi a diminuição no faturamento, conforme a pesquisa do Sebrae e da FGV “O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios – 4ª edição”, indicando para o cenário de recessão econômica e dificuldades enfrentadas tanto pelo 2º quanto pelo 3º setor.



## IMPACTO NEGATIVO NA CAPTAÇÃO DE RECURSOS E EQUIPE

“Financeiramente, ninguém está doando recursos livres, só para COVID-19. Tivemos que desligar algumas pessoas que faziam parte dos projetos que tiveram que ser interrompidos. Os funcionários pagos pelos convênios governamentais foram mantidos porque adaptamos as atividades para atendimento remoto.”

Coordenadora - OSC de Educação e Assistência Social

## REDUÇÃO OU SOBRECARGA DAS EQUIPES

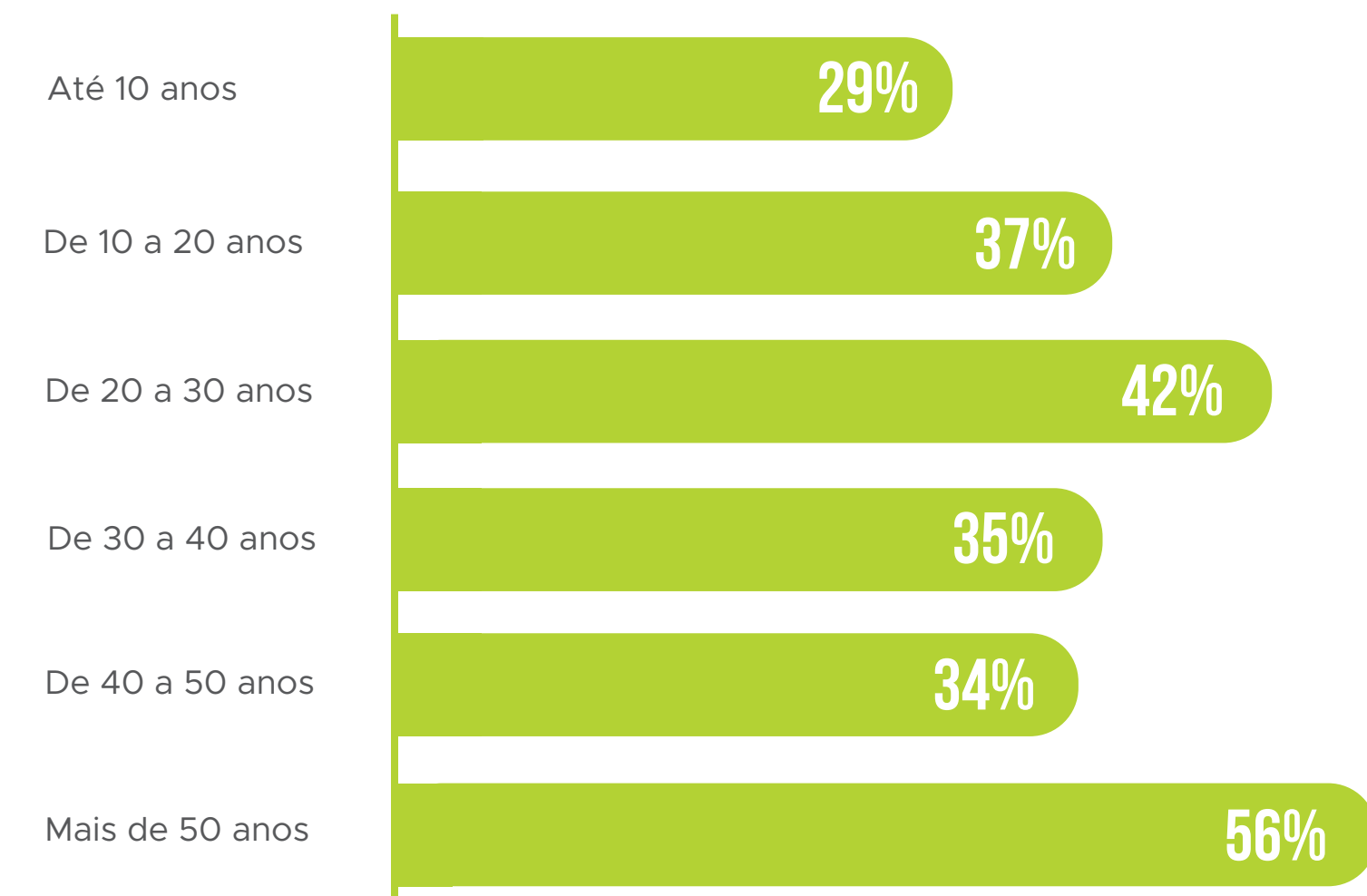
Dentre as organizações que declararam terem sido enfraquecidas (73%) com a crise, para além da diminuição da captação de recursos e do distanciamento e dificuldade de comunicação com o público atendido, há destaque para os seguintes impactos negativos: menor visibilidade para a organização ou causa defendida e demissões ou redução de carga horária das equipes. As organizações que se declararam fortalecidas, por outro lado, relatam maior estresse ou sobrecarga de suas equipes. Ou seja, enquanto as organizações enfraquecidas pela crise sofrem com diminuição de suas equipes, as fortalecidas sofrem com sobrecarga da sua força de trabalho.

## DEMISSÕES E REDUÇÕES

As organizações mais impactadas por demissões ou redução de carga horária de suas equipes atuam principalmente nas áreas de Cultura e Recreação, Assistência Social e Meio Ambiente e Proteção Animal. A região Sul do país também foi mais impactada<sup>5</sup>.

Enquanto as organizações com mais de 50 anos de atuação foram as com equipes mais impactadas, as organizações mais novas (fundadas depois de 2010) participantes do estudo foram as que menos sofreram com demissões ou reduções de carga horária de suas equipes.

### OSCs COM DEMISSÕES OU REDUÇÃO DE CARGA HORÁRIA DAS EQUIPES



<sup>5</sup> Diferentemente do contexto do 3º setor, as micro e pequenas empresas da região Sul não demitiram mais nem tiveram maior redução de jornada em comparação com as demais regiões do país, conforme aponta pesquisa “O impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios – 4ª edição”, do Sebrae e da FGV.

## ACELERAÇÃO DO USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS E MAIS ENGAJAMENTO E ENVOLVIMENTO DA EQUIPE SÃO OS PRINCIPAIS IMPACTOS POSITIVOS RELATADOS

53% das OSCs respondentes relataram a aceleração do uso de ferramentas digitais como impacto positivo da COVID-19. O segundo impacto positivo mais relatado pelas OSCs respondentes (por 40%) foi o maior engajamento e envolvimento das equipes. Ainda como impacto positivo, uma em cada quatro OSCs relatou mais visibilidade para a organização ou causa. A força de trabalho engajada é, sem dúvida, um dos maiores ativos das OSCs, mas há importante contraponto de estresse e sobrecarga identificado como impacto negativo.



## IMPACTOS POSITIVOS DA COVID-19 EM SUA ORGANIZAÇÃO







## AUMENTO DO VÍNCULO COM OS PÚBLICOS ATENDIDOS

“Temos encontrado muitos casos de subnutrição novamente, algo que não era notificado por nossa equipe na proporção que estamos vendo. Com a COVID-19, mudamos a forma de atendimento, usando mais a tecnologia e intensificando o relacionamento e a proximidade com as famílias. Identificamos as famílias que estão em situação de insegurança alimentar e levamos cesta básica e kit de higiene e limpeza. Essas mudanças intensificaram muito o relacionamento com as famílias atendidas.”

Gerente - OSC de educação nutricional

## QUEM NÃO SE COMUNICA...

Em comparação com as organizações que declararam terem sido enfraquecidas até o momento (73%), as organizações que declararam terem sido fortalecidas até o momento (18%) relataram mais impactos positivos de todos os tipos, com destaque para mais visibilidade para a organização ou causa defendida e mais engajamento e envolvimento da equipe. Por haver organizações de todos os tamanhos e principais áreas de atuação entre as enfraquecidas e fortalecidas, outras precondições não evidentes no estudo podem ser fatores determinantes do fortalecimento, como capacidade de articulação e comunicação.

# DESAFIOS E TENDÊNCIAS



## FOCO DAS OSCS NOS PÓS PANDEMIA VAI MUDAR?

Muitas organizações relatam que o processo de ajuda humanitária deve durar mais tempo do que era imaginado no início da pandemia. Além disso, dados de pesquisas indicam que os impactos na economia devem seguir para além do fim do isolamento social, mas é difícil precisar até quando a ajuda humanitária será necessária e, portanto, como será a atuação das OSCs nos próximos meses em relação ao atendimento emergencial e como isso vai impactar a missão e a operação regular das OSCs.



## ENGAJAMENTO E ESTRESSE DAS EQUIPES

O engajamento das pessoas (recursos humanos) parece ser o ativo mais relevante das OSCs. Talvez este fator seja o que garante que as OSCs continuem suas atividades, mesmo com uma queda expressiva em suas receitas, colocando-se como uma barreira à profissionalização do setor e um paradigma insustentável, seja para as organizações ou para as pessoas, que indicam sobrecarga de trabalho e estresse além do normal.



## INCLUSÃO DIGITAL DAS OSCS

A COVID-19 parece ter acelerado a revolução digital. Teletrabalho e aulas online, por exemplo, foram incorporadas como uma realidade na relação das OSCs com seus públicos de interesse (sejam funcionários ou público atendido), o que vem aumentando o debate sobre a necessidade de acrescentar o direito ao acesso a recursos tecnológicos — celulares e banda larga — para populações mais vulneráveis.



# 3

## IMPACTO NA CAPTAÇÃO DE RECURSOS

# 65%

das OSCs prevê redução (relativa ou significativa) na sua captação de recursos até o fim de 2020



# 55%

das OSCs de Cultura e Recreação espera redução significativa de seus orçamentos em 2020

# 46%



das OSCs pesquisadas apontam que têm orçamento disponível para operar no máximo por mais

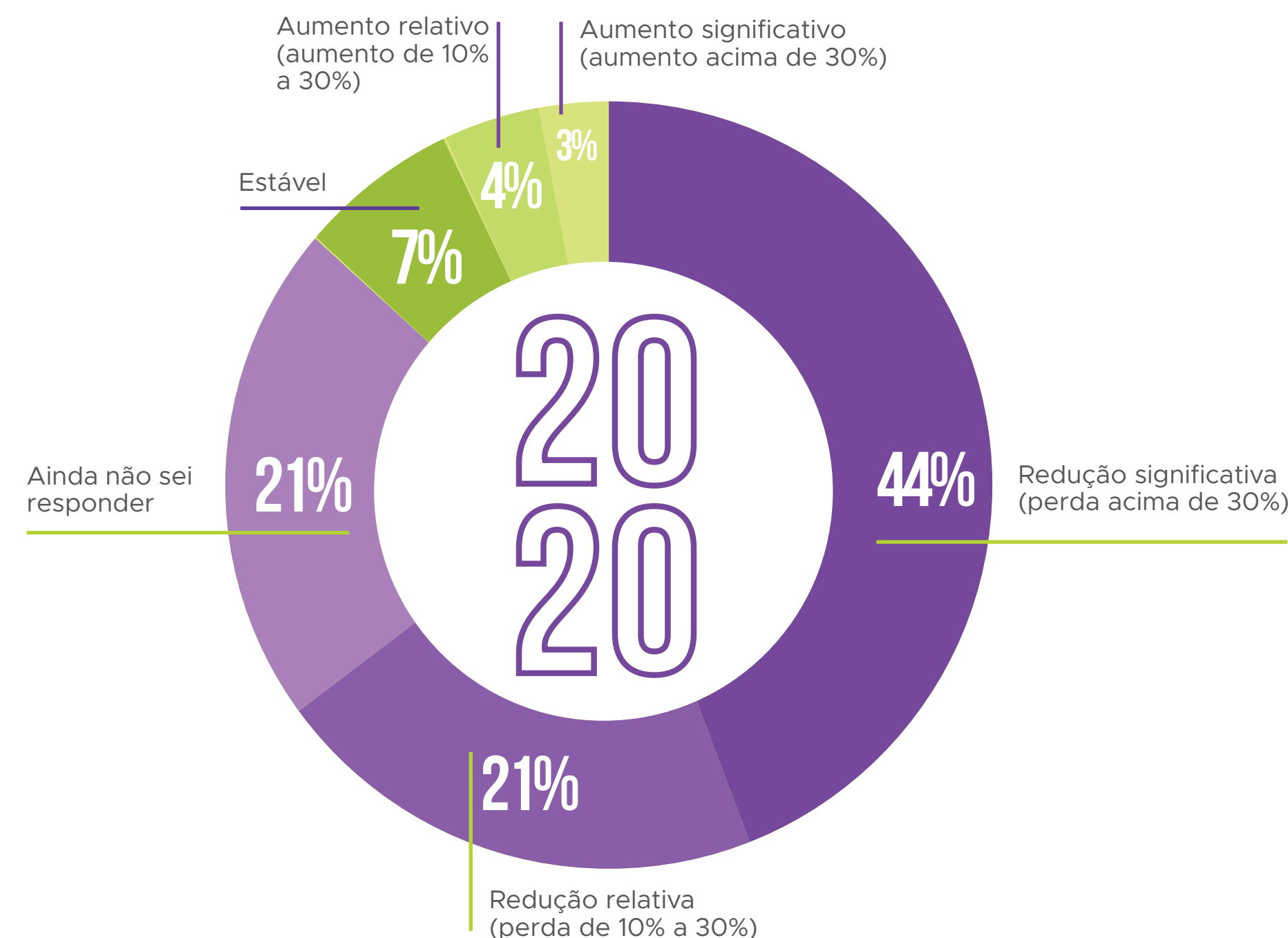
# 3 MESES

Nesta parte do estudo, analisamos o impacto da COVID-19 num tema importante e sensível — a transferência de recursos financeiros para as OSCs. Tema crítico e invariavelmente tratado como um problema para a grande maioria das OSCs em tempos normais, a falta de recursos financeiros para realizar suas atividades, com base nos dados da pesquisa, pode se tornar ainda mais desafiadora em decorrência da COVID-19.

## MAIORIA PREVÊ REDUÇÃO NA CAPTAÇÃO DE RECURSOS ATÉ O FIM DO ANO

O cenário de incertezas em relação ao futuro é bastante significativo. 21% das OSCs que responderam à pesquisa não sabem precisar qual o impacto esperado em sua captação de recursos até o final de 2020. Quase 65% das OSCs esperam uma redução, seja significativa (44%) ou relativa (21%). E apenas 7% das OSCs esperam ter aumento da captação de recursos.

### COMO VOCÊ PREVÊ O IMPACTO GERAL NA CAPTAÇÃO DE RECURSOS DE SUA ORGANIZAÇÃO PARA ESTE ANO?





## CRISE À VISTA

“Nesse exato momento, ficamos assustados porque em março tínhamos dois parceiros fechados e os dois caíram. Isso acendeu o alerta vermelho. Como temos um processo de captação anual (porque captamos através de projetos de leis de incentivo) temos recursos em caixa para nos manter pelos próximos tempos. Para mim, 2020 sobrevivemos bem. Dezembro de 2021 chegamos a zero. A captação este ano para nossas ações vai sofrer bastante.”

Gerente - OSC de educação (estímulo à leitura e gestão de bibliotecas comunitárias)

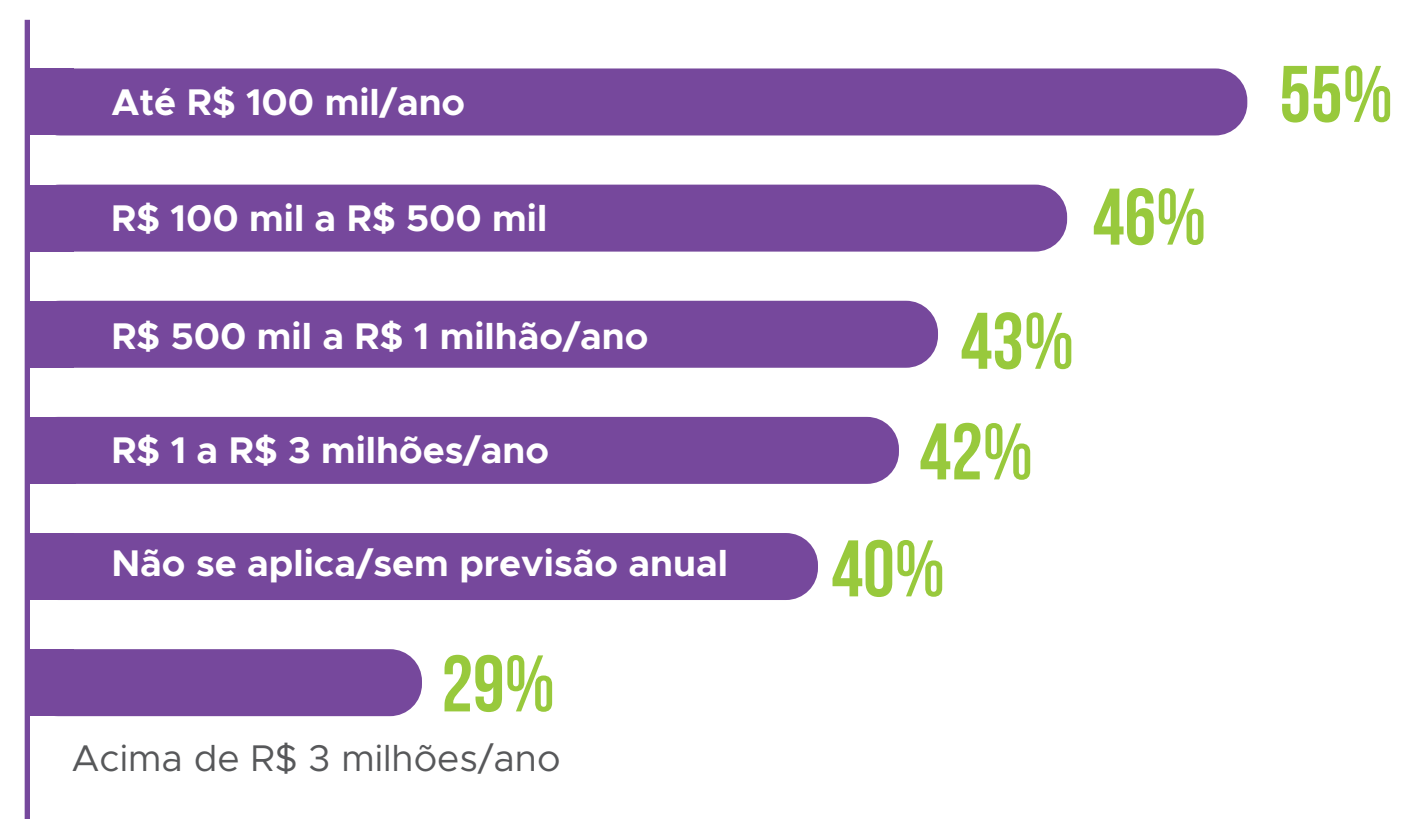
## RUIM PARA TODOS, PIOR PARA ALGUNS

O cenário de expectativa de redução de recursos é generalizado. Ainda assim, há destaques dentre as principais áreas de atuação das organizações que preveem redução significativa de recursos até o fim do ano. Mais da metade (55%) das organizações de Cultura e Recreação espera redução significativa. O grupo de organizações com melhor expectativa é das organizações de Saúde, das quais uma a cada três espera redução significativa na captação de recursos para 2020. O melhor cenário não é bom.

## MENORES E MAIS VULNERÁVEIS

Dentre as organizações que possuem previsão de orçamento anual, aquelas de menor faixa de orçamento anual (de até R\$ 100 mil) são as que mais esperam redução significativa de receitas. 55% espera ter redução de mais de 30% no orçamento do ano. Conforme o aumento do orçamento anual, menos organizações esperam ter grandes reduções. Mas mesmo na maior faixa de orçamento pesquisada (acima de R\$ 3 milhões), 29% das organizações esperam redução significativa na captação de recursos para o ano.

## EXPECTATIVA DE REDUÇÃO SIGNIFICATIVA (ACIMA DE 30%) DE RECEITAS



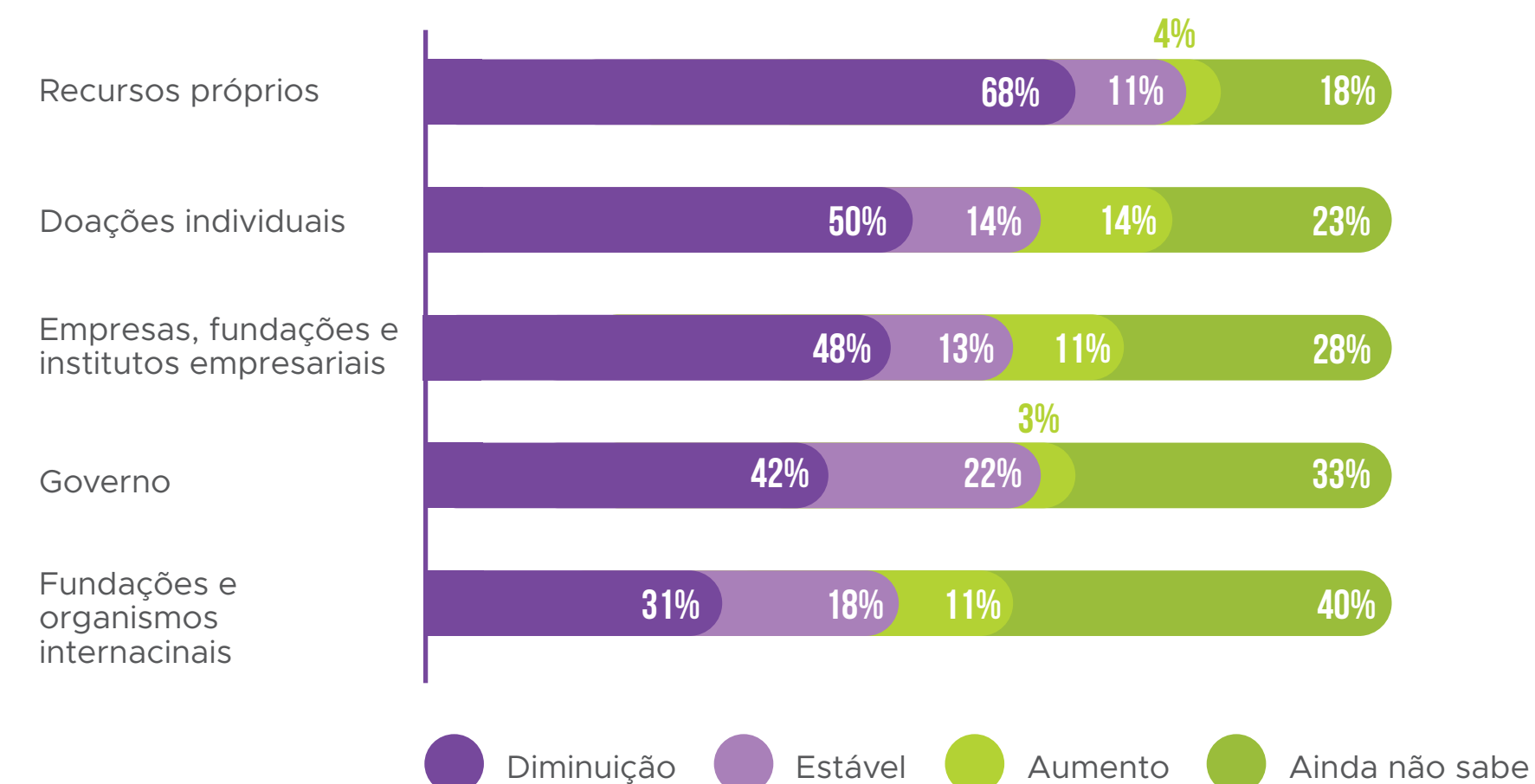
## ESCASSEZ E INCERTEZA PARA O ANO, COM TODAS AS FONTES DE RECEITAS

Para detalhar melhor o impacto na captação de recursos, fizemos uma pergunta sobre a expectativa de aumento, redução ou estabilidade de recursos por tipo de fonte de receitas.

Das organizações que possuem fontes de recursos próprios, 68% preveem diminuição. A previsão de diminuição também é compartilhada pela maioria que capta com doações individuais (50%), empresas, fundações e institutos empresariais (48%) e governos (42%). Para além da expectativa de diminuição de

captação, a incerteza é grande, com destaque para as organizações que captam com fundações e organismos internacionais (40%) e governos (33%). Esses mesmos públicos financiadores são também os que oferecem expectativa de maior estabilidade. 22% das organizações que captam com governos e 18% das que captam com fundações e organismos internacionais preveem estabilidade na captação com esses públicos até o fim do ano. As pequenas expectativas de aumento de captação são principalmente de doações individuais (14%), empresas, fundações e institutos empresariais (11%) e fundações e organismos internacionais (11%).

## PREVISÃO DE IMPACTO NA CAPTAÇÃO DE RECURSOS PARA O ANO

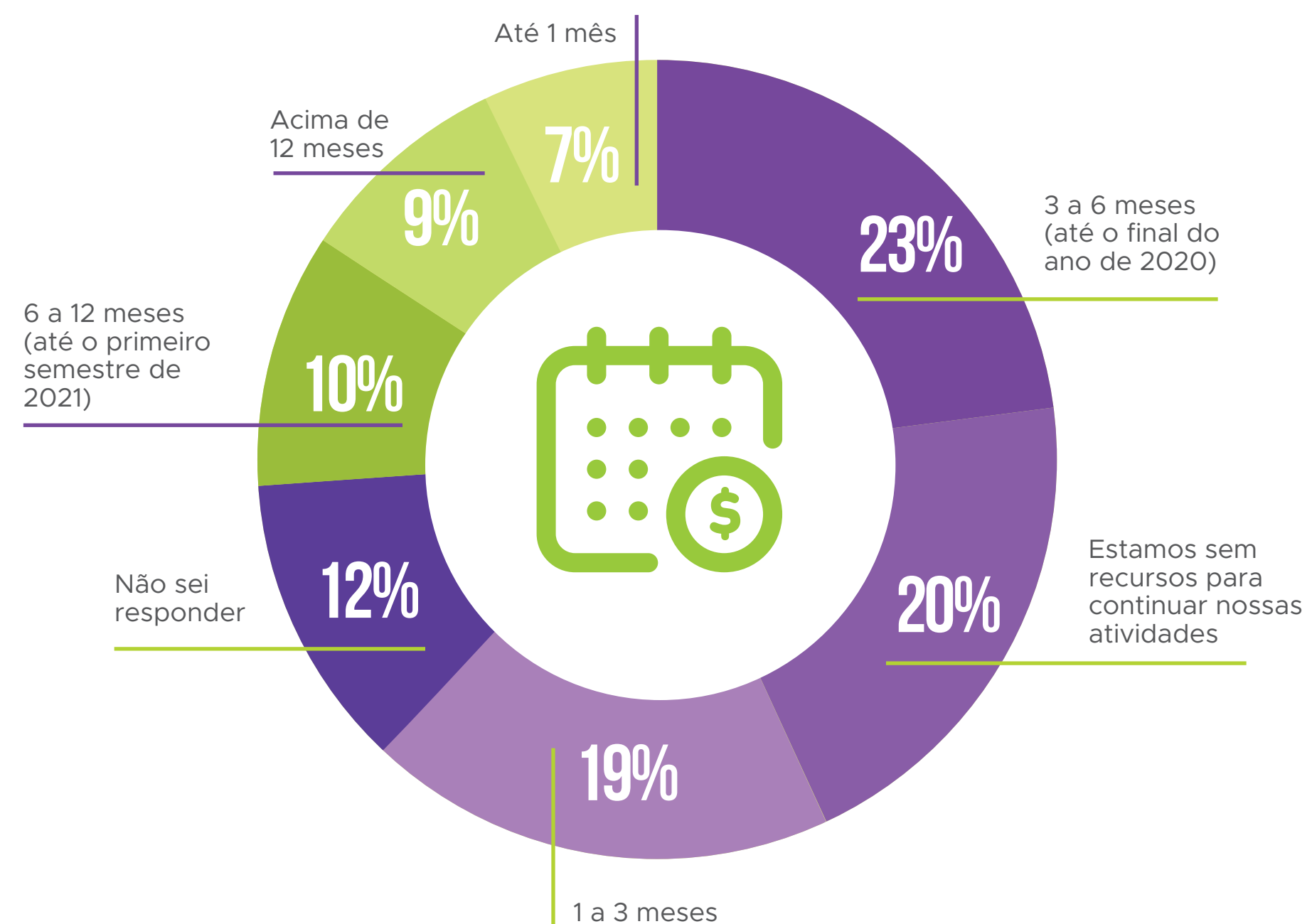




## POUCO FÔLEGO PARA SEGUIR ADIANTE

46% das OSCs pesquisadas apontam que têm orçamento disponível para operar no máximo por mais 3 meses<sup>6</sup>, sendo que 1 a cada 5 OSCs declara estar sem nenhum recurso financeiro para continuar suas atividades. 23% das OSCs indicam que têm recursos suficientes para operar até o final de 2020 e apenas 9% das OSCs declaram conseguir prever um orçamento disponível para mais de 12 meses de operação.

### HOJE, SUA ORGANIZAÇÃO TEM RECURSOS PARA OPERAR POR MAIS QUANTOS MESES?



## SEM RECURSOS PARA CONTINUAR

“Com a pandemia, levamos um tombo. Nosso caixa está zerado. Em termos de captação, realizamos normalmente eventos, sorteios, ação entre amigos, doações via boletos bancários. Nossos colaboradores que contribuíram conosco não estão podendo contribuir. Esse mês, tivemos uma grande perda porque as pessoas não estão doando. Tá tudo parado.”

Diretora, OSC de assistência social para deficientes intelectuais

<sup>6</sup> Pesquisa de 2017 do Bridgespan Group, financiada pelas fundações Ford, Hewlett, MacArthur, Open Society e Packard, examinou a saúde financeira de 274 organizações sem fins lucrativos norte americanas. Os resultados publicados em 2019 mostram que ainda em um cenário anterior à pandemia, 40% das organizações pesquisadas tinha menos de três meses de reservas no banco para atenuar os déficits financeiros, revelando um problema crônico do setor social.

# DESAFIOS E TENDÊNCIAS



## **SOBREVIVÊNCIA OU SUSTENTABILIDADE?**

O modelo de financiamento e a profissionalização da gestão das OSCs, especialmente de sua captação de recursos, diferenciais para a estabilidade institucional, se mostram fundamentais para enfrentar uma crise dessas proporções. A principal dificuldade do setor está na falta de garantia de entradas equilibradas e perenes de recursos, com previsibilidade. Ainda assim, mesmo as organizações mais estruturadas e com mais capacidade de previsibilidade, veem desafios em 2021 e adiante.



## **MORTALIDADE DAS OSCS?**

Considerando o pouco fôlego de recursos financeiros para continuar suas atividades, o tema da mortalidade das OSCs deverá ser acompanhado nos próximos anos, considerando os efeitos da crise na economia e o potencial acirramento dos problemas na situação financeira das OSCs.



## **CAPTAÇÃO DIGITAL REQUER ARTICULAÇÃO EM REDE E COMUNICAÇÃO ATIVA**

Muitas OSCs apostam na capacidade de migrar suas estratégias de captação de recursos para o ambiente digital, o que pode se tornar um desafio grande para aquelas organizações que antes da pandemia não construíram redes de relacionamento.

# 4

## REFLEXÕES SOBRE O FUTURO



70%

das OSCs precisam de recursos para manter seus custos operacionais

Apenas **6%** das OSCs indicam que devem interromper as atividades/fechar as portas até o final de 2020

60%



das respondentes indicam como principal necessidade incrementar a capacidade de captação de recursos no ambiente digital/remoto

59%



das OSCs preveem aumento da demanda por seus serviços após o final da pandemia

58%



das OSCs relatam que devem continuar suas atividades após a pandemia com grandes mudanças

Esta parte do estudo buscou compreender as perspectivas das OSCs sobre seu futuro — sua sobrevivência, suas atividades, a cultura de doação no Brasil e quais são suas principais necessidades (internas e externas) para lidar com os efeitos da COVID-19.

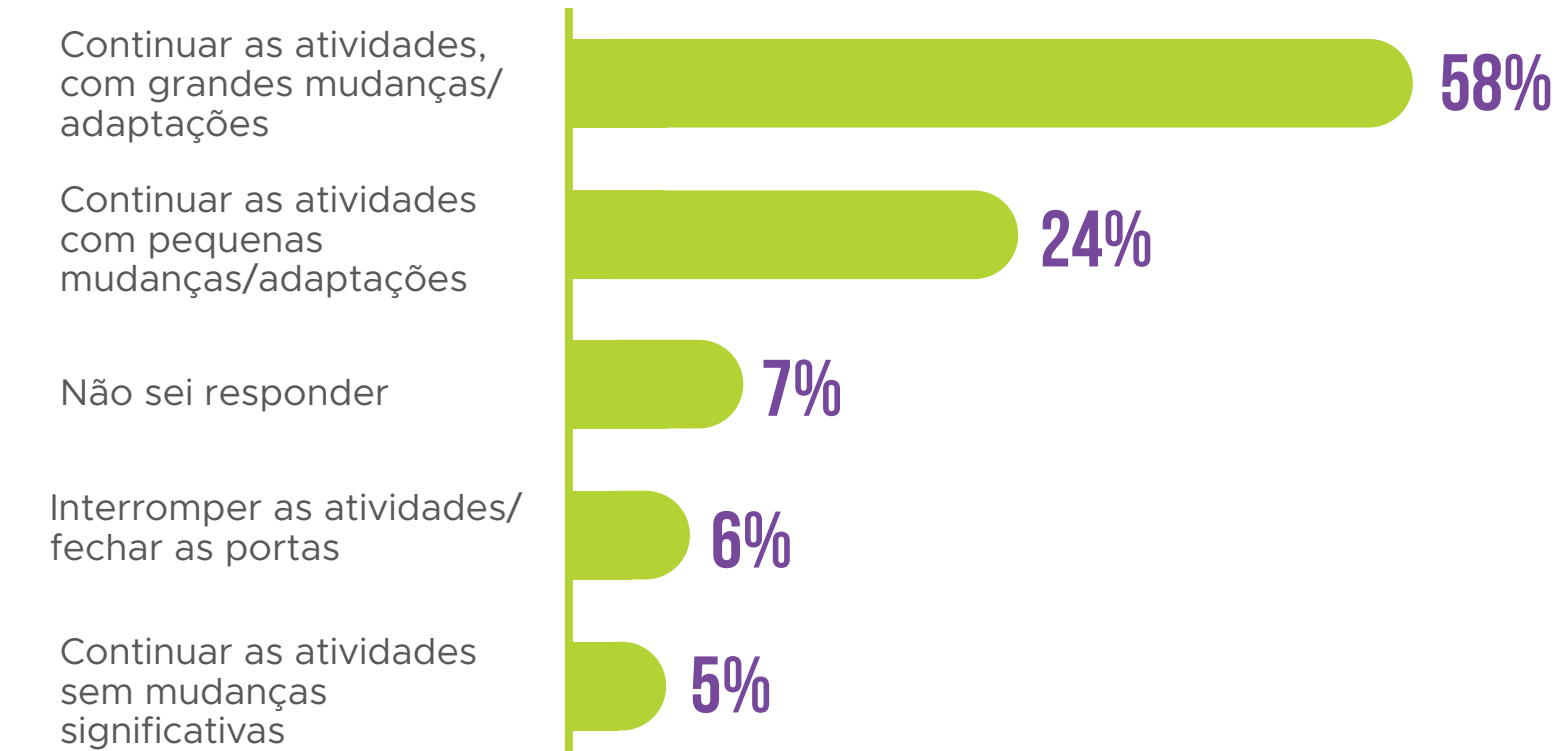
## TENDÊNCIA DE CONTINUIDADE, MAS COM GRANDES MUDANÇAS

Apenas 6% das OSCs indicam que devem interromper as atividades/ fechar as portas até o final de 2020. Isso contrasta com os dados do capítulo anterior, que indicam que muitas das OSCs já estão sem recursos ou com poucos recursos financeiros para seguir adiante.

87% das OSCs relatam que devem continuar suas atividades, com grandes (58%), pequenas (24%) ou sem mudanças significativas (5%). Cerca de 7% das OSCs não souberam responder.



### O QUE TENDE A ACONTECER COM SUA ORGANIZAÇÃO ATÉ O FIM DE 2020?

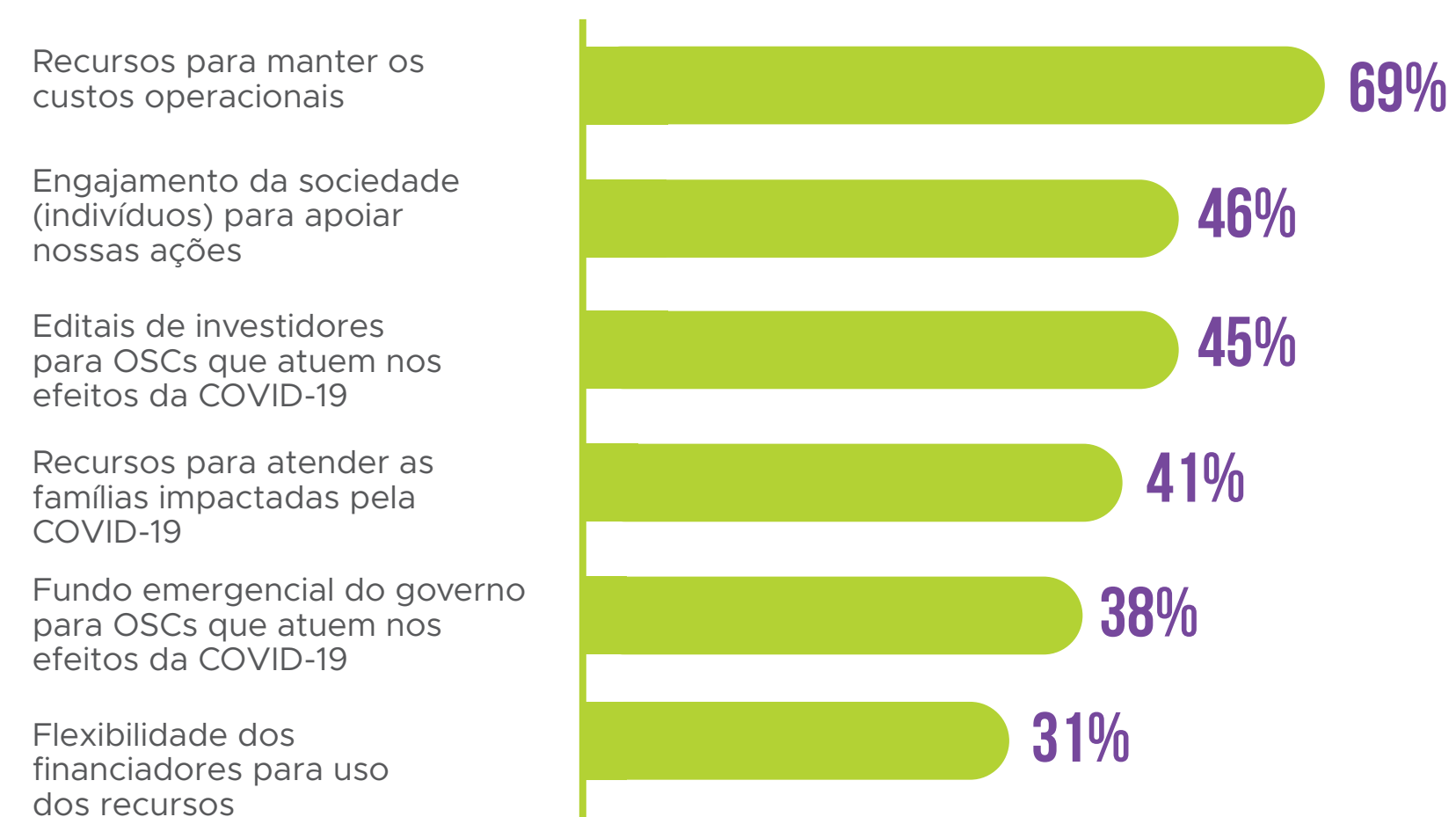




## TAMANHO É FATOR DE SUSTENTABILIDADE E ADAPTAÇÃO À CRISE

As organizações que apontam tendência de interrupção de atividades e fechamento até o fim do ano (6%) compõem o grupo mais enfraquecido pela crise. Dentre elas, se destacam as que não possuem previsão anual de orçamento e as com orçamento de até R\$ 100 mil por ano. Também são mais representativas na região Nordeste. Em contrapartida, dentre as organizações que declaram tendência de continuar suas atividades sem mudanças significativas, se destacam as com maiores orçamentos anuais (acima de R\$ 3 milhões).

### O QUE SUA ORGANIZAÇÃO NECESSITA (EXTERNAMENTE) PARA LIDAR COM OS EFEITOS DA COVID-19?



## RECURSOS FINANCEIROS E APOIO DA SOCIEDADE SÃO FUNDAMENTAIS

As três respostas mais relevantes dizem respeito ao apoio da sociedade para que as OSCs possam se manter — 69% das OSCs respondentes indicam que precisam de recursos para manter seus custos operacionais, 46% indicam a necessidade de engajamento da sociedade (indivíduos) para apoiar as ações das OSCs<sup>7 8</sup> e 45% indicam a necessidade de criação de editais específicos para OSCs que estão lidando com os efeitos da COVID-19. Também relevante, 41% das OSCs indicam a necessidade de recursos para atender as famílias impactadas pela COVID-19, o que mais uma vez indica que a necessidade de ajuda humanitária deve permanecer até o fim de 2020 pelo menos.

<sup>7</sup> Consulta online promovida pelo IDIS entre 20 de maio e 8 de junho, com participação de 80 gestores/as de organizações sociais do Brasil, apontou as “políticas de incentivo à doação para indivíduos e empresas” como o tipo de apoio mais necessário que o governo poderia fazer para apoiar as organizações a superar a crise provocada pela COVID-19.

<sup>8</sup> Importante ressaltar que a criação de editais específicos para combater os efeitos da COVID-19 já são uma realidade. Análise feita pelo Prosas ([www.prosas.com.br](http://www.prosas.com.br)) indica que já foram criados cerca de 120 editais voltados para enfrentamento aos efeitos da pandemia.

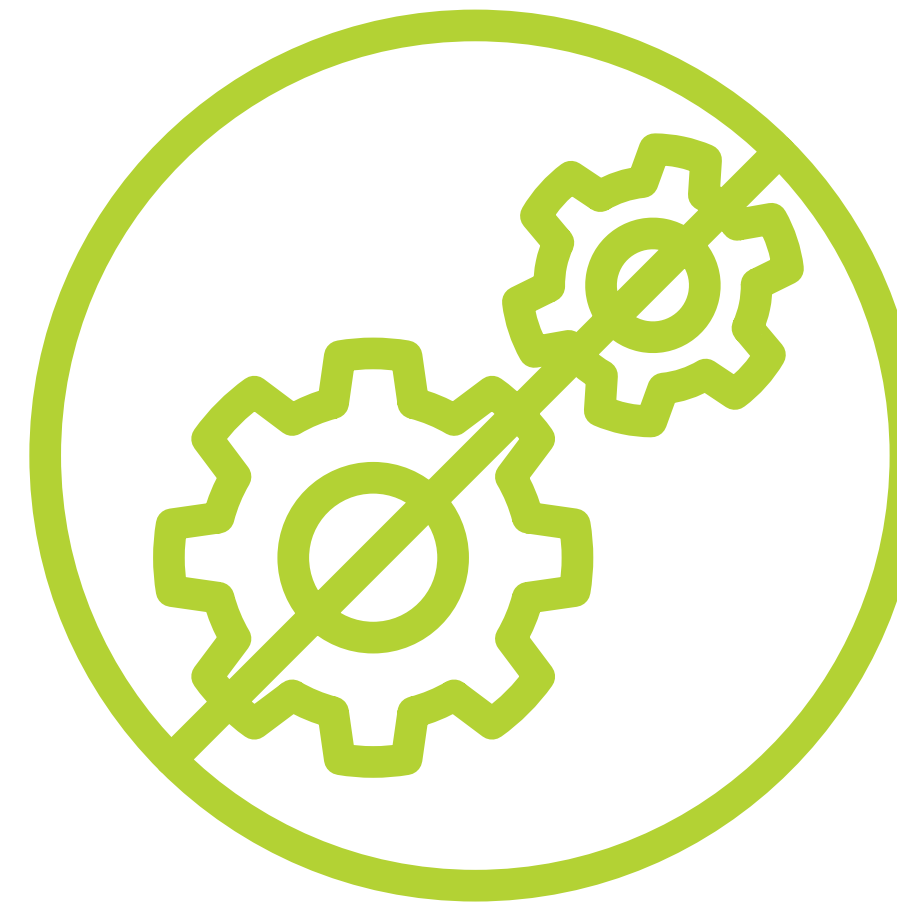
## (IN)CAPACIDADE OPERACIONAL

Apesar de atuação na linha de frente e apoio a populações em situação de vulnerabilidade estar sendo feita por 87% das organizações pesquisadas, há um importante desafio de operação instalado<sup>9</sup>. Além do engajamento em apoios diretos às populações afetadas pela crise da COVID-19 levar grande parte das organizações a desviar de suas atividades e causas principais para apoiar seus públicos ou outros públicos, as organizações que afirmam terem sido fortalecidas até o momento estão operando com equipes sobrecarregadas. E as organizações que afirmam terem sido enfraquecidas até o momento estão operando com redução de equipes. Como resultado, 69% apontam recursos para manter seus custos operacionais como a principal necessidade externa<sup>10 11</sup>.

---

<sup>9</sup> O desafio das OSCs manterem seus custos operacionais é um tema sensível debatido no setor social há mais de dez anos. Artigo de Ann Goggins Gregory & Don Howard na Stanford Social Innovation Review de 2009 provocava financiadores a quebrarem o ciclo vicioso que deixa(va) as organizações sem fins lucrativos sem infraestrutura suficiente para funcionar como organizações, para então poderem apoiar seus beneficiários.

<sup>10</sup> Pesquisa de 2017 publicada em 2019 pelo Bridgespan Group, financiada pelas fundações Ford, Hewlett, MacArthur, Open Society e Packard, constatou que apesar das intenções dos financiadores, os mecanismos de doações vigentes não permitiam o fortalecimento das organizações financiadas; e que mais da metade das 274 organizações sem fins lucrativos norte americanas pesquisadas sofriam déficits orçamentários crônicos. Como consequência, as cinco fundações se comprometeram a mudar suas práticas e políticas de financiamento para combater o “ciclo de fome” que prejudica a efetividade e operação de suas organizações financiadas.



---

<sup>11</sup> Doadores individuais – que são o segundo público com quem mais as OSCs captam recursos, depois das empresas, fundações e institutos – fazem doações de forma esporádica, sem comprometimento com a sustentabilidade das OSCs. É o que aponta a terceira edição do Brasil Giving Report da Charities Aid Foundation, publicada pelo IDIS desde 2018. Como possíveis maiores estímulos à doação, 43% cita “saber com certeza como o dinheiro é gasto” e 36% menciona “mais transparência no terceiro setor/organizações sociais”. No entanto, não é possível saber se o conhecimento sobre a utilização dos recursos para manutenção das organizações e suas equipes – ao invés da aplicação direta das doações na causa ou público beneficiário – aumentaria ou diminuiria o estímulo à doação.

## CAPTAÇÃO DE RECURSOS E REVISÃO DE PLANOS

Internamente, as OSCs apontam necessidades relacionadas principalmente à capacidade de captação de recursos e planejamento — 60% das respondentes indicam como principal necessidade incrementar a capacidade de captação de recursos no ambiente digital/remoto e 58% indicam a necessidade de um plano financeiro e de captação de recursos factível. Também se destacam a necessidade de revisar planos estratégicos (apontada por 42% das organizações) e a necessidade de trabalhar em colaboração com outras organizações (apontada por 39%), indicando para o potencial reconhecido de atuação em rede.



### O QUE SUA ORGANIZAÇÃO NECESSITA (INTERNAMENTE) PARA LIDAR COM OS EFEITOS DA COVID-19?







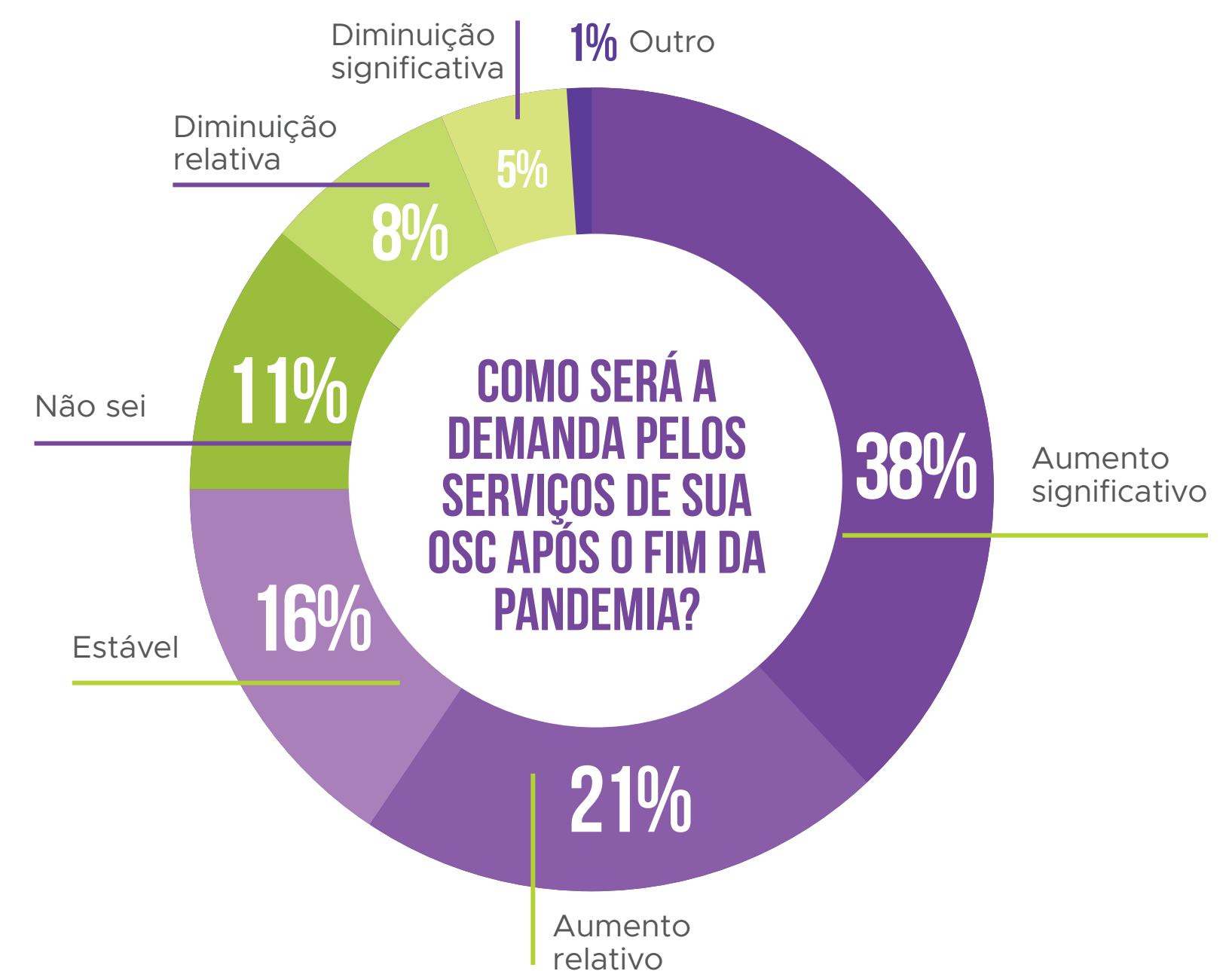
## REINVENÇÃO E TRABALHO EM COLABORAÇÃO

“Vamos ter que nos reinventar no médio/longo prazo. Talvez tenhamos que ter planos para lidar com imprevistos – novas metodologias e trabalhar mais online com captação de recursos. Sim, existe o risco de fecharmos as portas. Estamos atrás de novos parceiros e editais, precisamos buscar outras formas de captar recursos. Acho que a perspectiva é que as ONGs possam se unir mais. Ultimamente, nos unimos para somar com todas as famílias. Uma família recebeu mais de quatro cestas e outras não receberam. Estamos montando uma lista única para organizar. Estamos trocando mais.”

Coordenadora, OSC de Educação

## AUMENTO DA DEMANDA POR SEUS SERVIÇOS

59% dos respondentes preveem aumento da demanda pelos serviços prestados pelas OSCs após o final da pandemia (21% aumento relativo e 38% aumento significativo), enquanto 16% prevê estabilidade do atendimento e 13% diminuição significativa ou relativa na demanda por seus serviços. Quando confrontado com os dados que apontam a falta de recursos para sua manutenção, a situação pode levar ao esgotamento ou incapacidade das OSCs de atender à ampliação da demanda, deixando parte da população sem atendimento ou à precarização do atendimento.





## CUIDANDO DO PRESENTE, MAS DE OLHO NO FUTURO

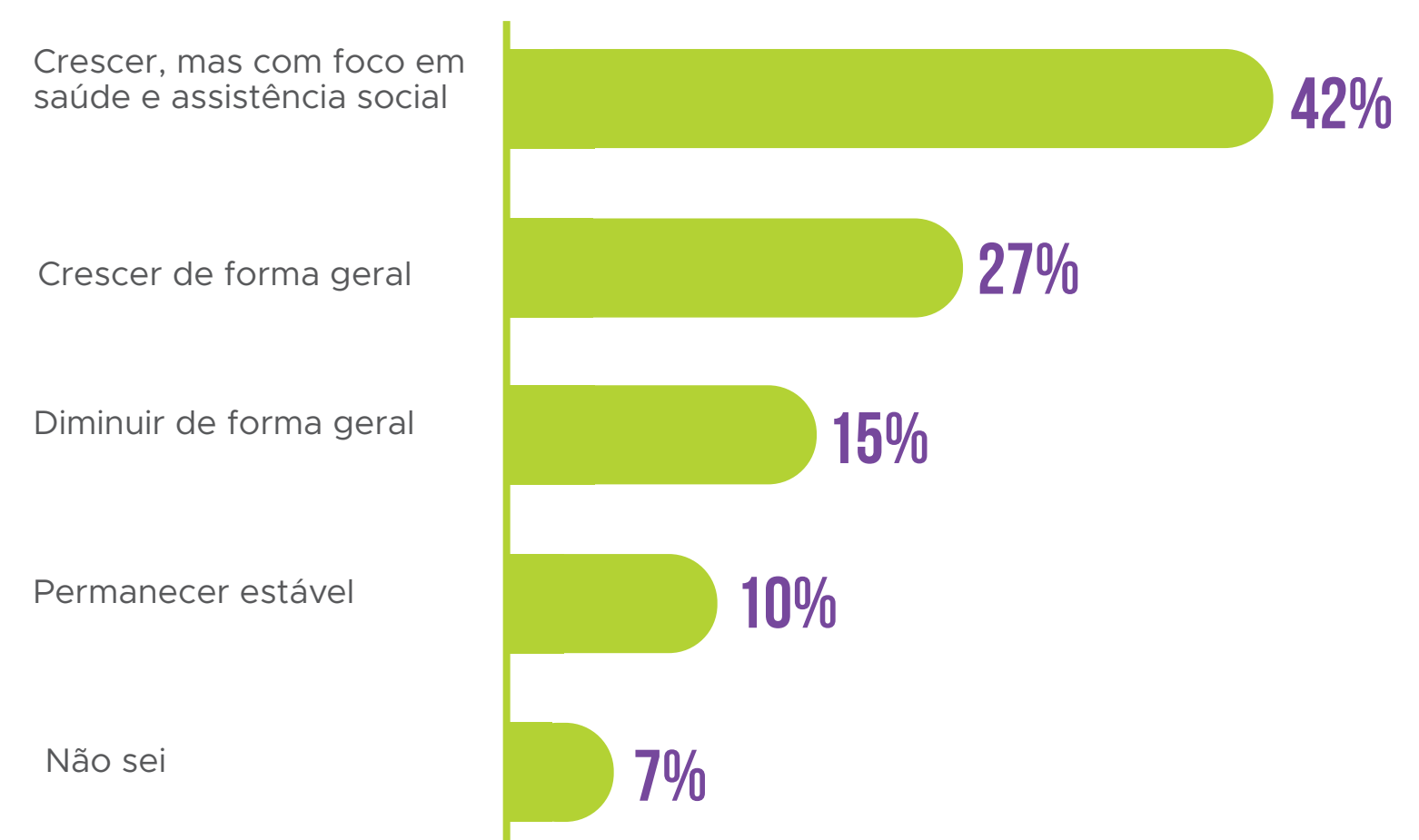
“As conversas que temos tido é que, em tese, deveríamos continuar apoiando pelo menos mais três meses, já que a retomada dos empregos será lenta. Estamos prevendo um número maior de casos de pessoas que precisam de ajuda. Teremos que ajudar mais gente do que achávamos. A sensação que temos é que vai piorar. Em relação ao nosso futuro, temos intuição, mas não sabemos o que será exatamente. Em termos de recursos financeiros, no curto prazo (até dezembro), estamos OK. Se não começarmos a falar de nossa sobrevivência futura logo, certamente teremos problemas.”

Diretora, OSC de Educação

## AUMENTO DE DOAÇÕES, MAS COM FOCO NOS EFEITOS DA PANDEMIA

69% das OSCs preveem um crescimento da “cultura de doação” no Brasil (42% com foco em saúde e assistência social e 27% de forma geral). 15% acreditam que a cultura de doação deve diminuir e 10% acreditam que deve permanecer estável. Os dados mostram um paradoxo: quando olham para sua situação particular, as OSCs tendem a ser mais céticas em relação à transferência de recursos da sociedade, mas quando questionadas a respeito da situação geral, são mais otimistas.

### EM TERMOS GERAIS, QUAL A SUA EXPECTATIVA FUTURA EM RELAÇÃO À CULTURA DE DOAÇÃO NO BRASIL?



# DESAFIOS E OPORTUNIDADES



## AUMENTO DA FILANTROPIA NÃO RESULTA EM FORTALECIMENTO DAS OSCS

Apesar do aumento expressivo das doações para combater os efeitos da COVID-19, a maioria das OSCs indica diminuição de captação de recursos. A situação agrava a capacidade de cobrir os custos operacionais das OSCs (equipe e outras despesas fixas), o que indica a necessidade de reflexão e revisão por parte dos investidores sociais para não apenas aumentar o volume de doações, mas também qualificar a doação, permitindo o fortalecimento (ou atenuação do enfraquecimento) do setor.



## IMPACTO COLETIVO/ FILANTROPIA COLABORATIVA

A pandemia acelerou a percepção da importância sobre o trabalho integrado entre as OSCs, motivando projetos de impacto coletivo e entre os investidores sociais, ampliando as possibilidades de projetos de filantropia colaborativa. O desafio é conectar iniciativas ou territórios.



## PANE DO SISTEMA

Um tema a ser acompanhado após a pandemia será a capacidade de atendimento das OSCs diante da diminuição (em potencial) dos recursos para manter seus custos operacionais, contrastando com o aumento da demanda por seus serviços. A sustentabilidade e saúde financeira das organizações e suas equipes é um desafio histórico, agora ainda mais agravado.



# CONCLUSÕES, DESAFIOS E OPORTUNIDADES



ISP

## Contemplar o fortalecimento das OSCs na sua estratégia

- Considerar uma carteira de investimento social com mais diversidade e risco
- Atuar em colaboração com OSCs e outros investidores sociais



PODER PÚBLICO

## Desenvolver ações de apoio emergencial e fortalecimento das OSCs brasileiras

- Manter ambiente legal favorável, rever doação de pessoa física e ITCMD
- Fomentar pesquisas aplicadas sobre o setor



CIDADÃOS

## Doar mais e melhor, ampliar a cultura de doação

- Incluir doação e voluntariado em conversas familiares
- Provocar empresas a apoiarem OSCs locais



IMPrensa

## Disseminar informações de qualidade sobre as OSCs brasileiras

- Construir narrativas com visão mais sistêmica sobre as OSC
- Capacitar jornalistas e dedicar mais espaço à cobertura



OSCs

## Articular-se em rede, trocar experiências, desenvolver ações conjuntas

- Considerar a adaptação das atividades para lidar com os efeitos da pandemia
- Aprimorar a captação de recursos e a gestão

## CONCLUSÕES, DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Um importante capital social<sup>12</sup> acumulado pelo país desde a Constituição “Cidadã” de 1988 está ameaçado. As organizações da sociedade civil brasileiras, que já vinham de uma década de dificuldades, sofrem agora o impacto sem precedentes da Covid-19, com três em cada quatro declarando estar enfraquecidas após a pandemia. Ao mesmo tempo, a crise política e econômica fragiliza as instituições da sociedade em geral e, conseqüentemente, a nossa democracia – à qual as OSCs estão intimamente ligadas.

Na década de 1990 o movimento foi inverso; em 2000 chegou-se a falar em boom do setor, com o número de organizações triplicando de 1996 a 2005, segundo a pesquisa Fasfil (Fundações e Associações Sem Fins Lucrativos) do IBGE<sup>13</sup>. Com isso, essas associações, institutos, fundações, ONGs, entidades etc. ocuparam espaços que nenhum outro ator social ocupava até então: representar interesses públicos em conselhos de áreas como educação, assistência social, direitos das crianças e adolescentes, trabalho para jovens, entre outros; promover a responsabilidade socioambiental das empresas; propor, experimentar, questionar, monitorar, promover, complementar e até executar políticas públicas – como no sofisticado Sistema Único de Saúde brasileiro; chegar com mais agilidade e qualidade nos territórios empobrecidos do país; em essência: cuidar do bem comum.

Com a Covid-19, mostraram mais uma vez à sociedade sua capacidade de ação, atendendo emergências alimentares, distribuindo materiais de higiene e atendendo populações frequentemente descobertas pelo Estado em momentos como esse.

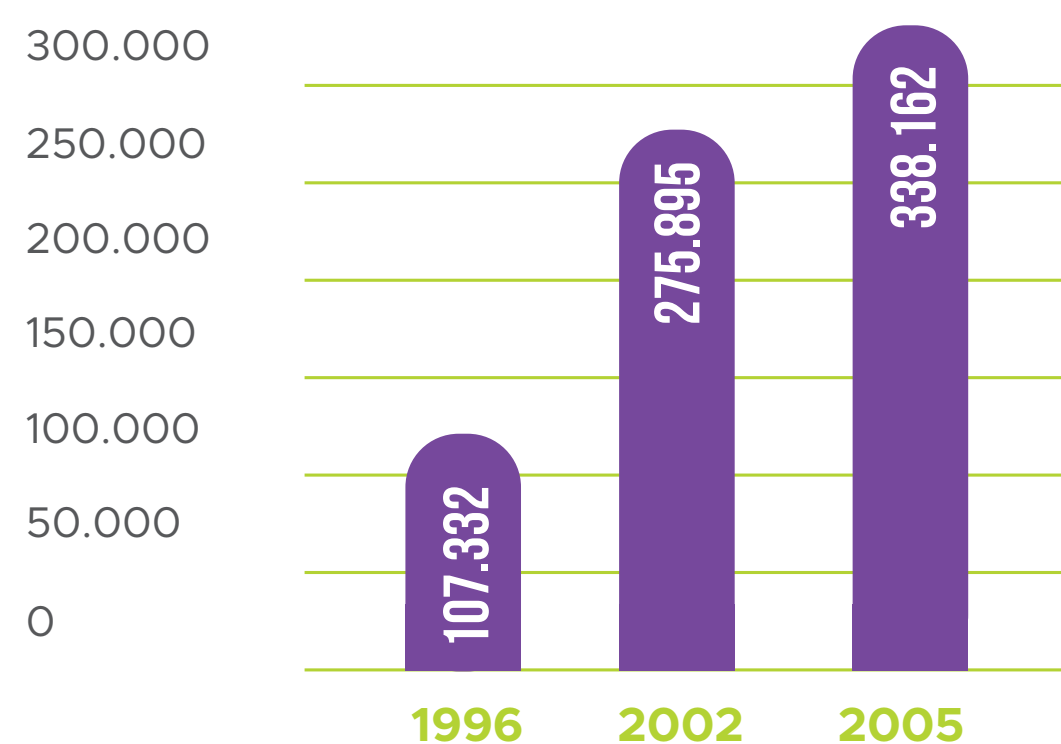
A mortalidade dessas OSCs já vinha crescendo desde o início da década de 2010. Segundo a mesma Fasfil, houve 3% de fechamento dessas organizações de 2010 a 2013 e 14% de 2013 a 2016, somando 16% de mortalidade no período – ou 50 mil OSCs a menos no país, em particular nos campos de “desenvolvimento e defesa de direitos”. Segundo o Mapa das OSCs, outra pesquisa importante sobre o setor, fecharam as portas 38 mil organizações de 2016 a 2018.

---

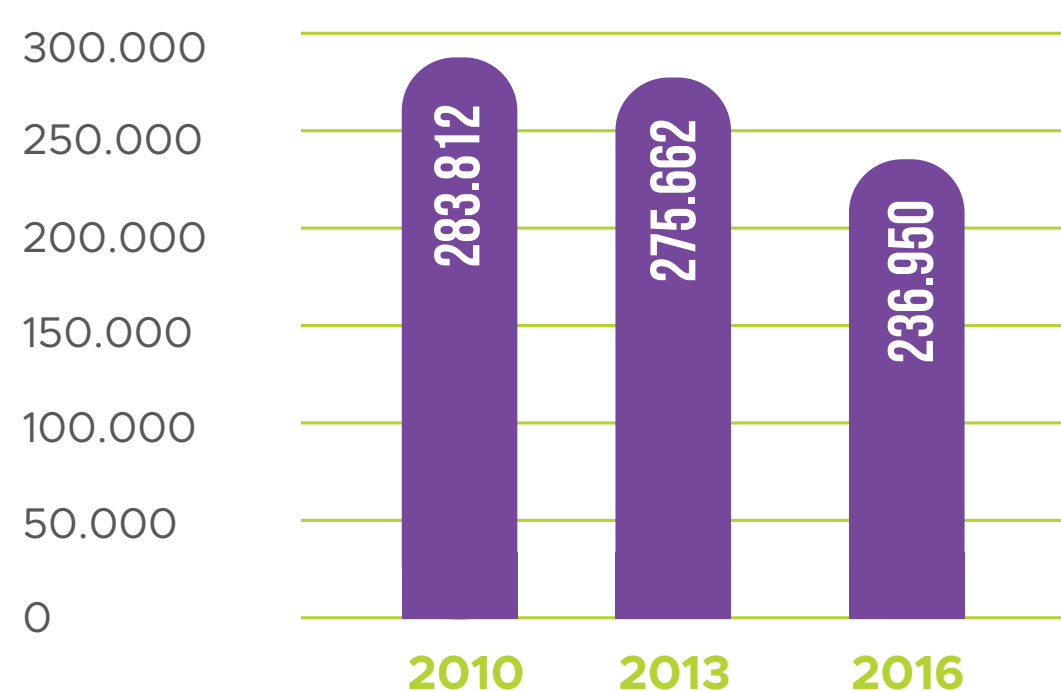
<sup>12</sup>“O capital social é formado por redes de relacionamento que compartilham normas, valores e entendimentos, que facilitam a cooperação dentro ou entre grupos de pessoas”, na definição da OECD. Segundo a Wikipédia em inglês, “o capital social tem sido usado para explicar o melhor desempenho de diversos grupos, como o crescimento de empresas empreendedoras, uma performance administrativa superior, o fortalecimento de uma cadeia de suprimentos, o valor derivado de alianças estratégicas, e a **evolução das comunidades**” [grifo nosso].

<sup>13</sup>Até 2005, a Fasfil era feita pelo IBGE em parceria com a Abong, o GIFE e o IPEA – que passa a manter o Mapa das OSCs, outro estudo com série histórica, a partir de 2010. Os dois estudos cobrem universos distintos, sendo que o Mapa das OSCs inclui as da Fasfil entre outros tipos de OSCs.

## DO BOOM AO BAQUE DAS FUNDAÇÕES E ASSOCIAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS (FASFIL) E TENDÊNCIAS<sup>14</sup>



**Número de unidades locais das fundações privadas e associações sem fins lucrativos, 2010 - 2016**



Fonte: "IBGE - Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos"

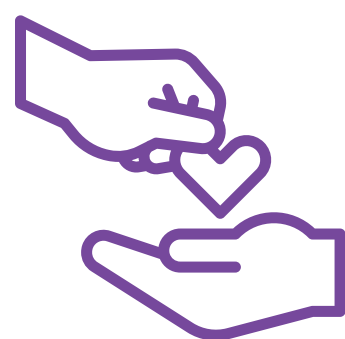
Embora não tenham fins lucrativos, essas organizações são historicamente sensíveis aos movimentos da economia, já que sua saúde financeira depende com frequência de excedentes de recursos do setor privado, sejam empresas, sejam indivíduos e famílias — além de variáveis como a cultura de doação e o sistema tributário da sociedade em que estão inseridas.

Dada sua relevância para o desenvolvimento sustentável do país — nas dimensões econômica, social, ambiental e política — a pergunta que emerge a partir deste Estudo é "o que pode ser feito para preservar e fortalecer esse sistema?" Isto é, no contexto da crise atual, que aponta para uma fragilidade e mortalidade ainda maior de OSCs, quais são as oportunidades que os diferentes atores sociais brasileiros têm para reverter essa tendência?

Para responder essas perguntas, um grupo de lideranças das organizações que se articularam em torno deste Estudo, denominado Comitê Estratégico, realizou reuniões virtuais para analisar o que poderia ser recomendado a cada um desses atores sociais para não só ajudarem as OSCs a enfrentarem a crise como a saírem dela ainda mais fortes e relevantes. O resultado desse trabalho foi depois editado pela Mobiliza e Reos Partners e é apresentado a seguir.

<sup>14</sup>A metodologia da pesquisa sobre as Fasfil sofreu alterações entre 2005 e 2010, portanto, não se pode comparar o número de organizações de 2005 com o de 2010. Mesmo assim, as duas séries históricas existentes (de 1996 a 2005 e de 2010 a 2016, retratadas nesses gráficos) permitem observar o crescimento acentuado do setor até 2005 e a mortalidade de organizações a partir de 2010.





## OPORTUNIDADES PARA INVESTIDORES SOCIAIS PRIVADOS

Uma das causas fundamentais do GIFE (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas) desde sua fundação, em 1995, é a promoção da sociedade civil organizada — tanto porque os institutos e fundações associados fazem parte desse setor, como pelo fato de que formam um dos poucos grupos que dispõem de recursos próprios para fazer investimento social no setor (são todos potencialmente grantmakers).

O desafio tem sido que uma maioria significativa dessas organizações no país prefere operar os seus próprios programas a investir em outras organizações da sociedade civil.

Agravando esse cenário, outra parte importante do setor, quando financia OSCs, escolhe apenas as que já têm mais capacidade institucional, o que tem levado a uma concentração de recursos em um número menor de organizações — movimento que poderia ser chamado de “big is beautiful”, na contramão de uma sociedade civil com múltiplas organizações, de portes, cobertura geográfica e causas diversos, características cruciais

para o sucesso sistêmico do setor como um todo. Dados deste Estudo também apontam para essa tendência de concentração e consolidação, havendo uma proporção pequena de OSCs (18%) que relatam que “a crise as fortaleceu” em relação às outras 73% que apontam que “foram impactadas e a crise as enfraqueceu”.

Há evidentemente exceções de peso em relação a essas tendências descritas logo acima. O último Censo GIFE (ano base 2018) mostra, inclusive, um aumento das doações do setor para o desenvolvimento institucional das OSCs. Este Estudo sobre o impacto da Covid-19 nas OSCs brasileiras não seria possível sem um conjunto importante de investidores sociais privados que estão engajados no fortalecimento da sociedade civil organizada do país.

Assim, as oportunidades para os investidores sociais privados neste momento são pautas antigas daqueles que buscam qualificar a filantropia brasileira, que ganham ainda mais relevância no contexto atual.

## FOMENTO

Viabilizar parcerias com mais flexibilidade (por exemplo, em ajustes de prazos, escopos e recursos), agilidade (menos burocracia) e colaboração.



Ampliar os recursos voltados para desenvolvimento institucional ou organizacional: equipes fixas, ações de comunicação e busca de novos doadores, contratação de consultorias etc.).

Apoiar o desenvolvimento das equipes das instituições parceiras e oferecer possibilidades de apoio voltadas a gestão de pessoas e sua saúde (física e mental).

Fortalecer o diálogo com as OSCs já apoiadas, para entender como trabalhar juntos da forma mais realista e efetiva neste cenário de pandemia.

Apoiar as OSCs em seu processo de incremento no uso de ferramentas digitais.

## NARRATIVA ENGAJADORA

Investir para construir e disseminar para a sociedade, de forma mais ampla, narrativas claras e engajadoras sobre o papel e a relevância das OSCs no Brasil.

## VISÃO DE FUTURO

Apoiar organizações, coletivos e lideranças para construir visões possíveis e reimaginar o futuro.

## ESTRATÉGIA

### Revisitar as estratégias de atuação do ISP:

- Conciliar recursos voltados a OSCs com outros financiadores, compondo fundos e *grants* (doações) baseados em filantropia colaborativa, em diversos formatos de co-investimento.
- Criar fundos filantrópicos que possam amplificar o impacto com maior eficiência.
- Refletir em que medida a atuação por projetos próprios pode dar lugar a mais parcerias com OSCs nos territórios, sobretudo no contexto deste Estudo.
- Ampliar a carteira de OSCs apoiadas em temas menos clássicos no setor (por exemplo em saúde, renda universal básica etc.) ou para além do que já realiza.
- Apoiar mais organizações de base, periféricas e com menores orçamentos.
- Priorizar recursos filantrópicos (a fundo “perdido”) e oferecer mais capital paciente em se tratando de investimento de impacto.

Continuar a mobilização e a atuação iniciada ou ampliada no cenário da pandemia de maneira consistente no longo prazo.

Olhar para o ecossistema de atores em uma abordagem sistêmica, analisando as externalidades positivas e negativas do ISP — com vistas à recuperação de longo prazo.



Abrir ou fortalecer a interlocução do ISP com o poder público.



Fortalecer o lócus do ISP na esteira das doações empresariais de maneira integrada às estratégias de seus institutos e fundações, mantendo ou ampliando linhas de orçamento de institutos e fundações neste período.



## OPORTUNIDADES PARA O PODER PÚBLICO

Assim como os governos em seus diversos níveis têm desenvolvido ações para preservar empresas com fins lucrativos no contexto da crise, há várias oportunidades para que o Poder Público também apoie a sociedade civil organizada.

Neste aspecto, é preciso destacar que circula uma visão equivocada no Brasil de que as OSCs dependem de dinheiro público para operarem. Nada mais falso. Primeiro, cerca de metade das OSCs brasileiras atua essencialmente com trabalho voluntário, sem qualquer remuneração. Segundo, há sim algumas organizações sem fins lucrativos que trabalham com recursos públicos, que cumprem funções estratégicas, da saúde básica à educação infantil, da preservação da Amazônia ao trabalho com jovens no contraturno da escola, mas estas representavam menos de 20% das OSCs em 2016, segundo um dos poucos estudos disponíveis sobre a origem dos recursos dessas organizações no país, o TIC Organizações Sem Fins Lucrativos, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.BR). O Mapa das OSCs do Ipea indica que apenas 2,7% das 820 mil OSCs de sua amostragem receberam recursos do governo federal de 2010 a 2018,

Assim, as oportunidades para os governos apresentadas à frente são, como no caso do ISP, favoráveis à sustentabilidade em geral das organizações da sociedade civil, e se tornaram ainda mais importantes no contexto atual.

Criar programas de emergência para manutenção de custos de operação (equipe e custos fixos) e fundos de apoio para o fortalecimento institucional das OSCs (BNDES, por exemplo).



Suspender temporariamente (ou até definitivamente) a cobrança de ITCMD das doações feitas a OSC.



Criar novo modelo de incentivos fiscais para doação às OSC no Brasil.

Definir critérios nacionais claros na destinação dos recursos de multa pecuniária pelo Poder Judiciário.

Estimular linhas de pesquisas aplicadas realizadas por órgãos de governo que possam fortalecer o setor.



Garantir a realização dos contratos previstos no MROSC (Lei 13.019/14).





## OPORTUNIDADES PARA CIDADÃOS

O Brasil tem uma cultura de doação ainda frágil, segundo a totalidade dos estudos sobre isso feitos no país ou comparando o país a outros. A recente pesquisa consolidada de dez anos do Global Giving Index (Índice Global de Doações) mantido pela Charities Aid Foundation (CAF), do Reino Unido, coloca o Brasil em 74º neste ranking de 140 países.

Assim, novamente, as oportunidades para os cidadãos brasileiros são mais abrangentes que específicas ao momento de crise, mas tornam-se ainda mais necessárias exatamente devido ao contexto atual.

Buscar conhecer melhor as organizações, utilizando suas redes de contatos e a mídia de qualidade e ampliar o espectro de organizações sociais a que tem acesso, extrapolando causas de afinidade.



Incluir doações nas discussões de planejamento financeiro individual e familiar.



Oferecer serviços voluntários à distância.



Provocar empresas (nas quais trabalha ou das quais compra) a apoiarem OSCs locais.



## OPORTUNIDADES PARA A IMPRENSA

Com raras e honrosas exceções, a mídia brasileira cobre pouco e cobre superficialmente a atuação das organizações da sociedade civil. Em geral, percebe-se um desconhecimento dos jornalistas – assim como no restante da sociedade – sobre o que são, quais os seus papéis e como operam essas organizações. Por vezes, o foco em uma determinada organização ou grupo delas encobre exatamente a diversidade e amplitude do setor. As CPIs de ONGs que ocorreram na década de 2000, por exemplo, se referiam a algumas dezenas de entidades, mas o resultado negativo na imagem do setor foi colhido por centenas de milhares de organizações.

A principal distorção no momento são as reportagens que anunciam grandes doações de empresas no contexto da crise. Geram uma percepção na sociedade de que há mais recursos sendo doados às OSCs. O Estudo mostra que não é este o caso – seja porque esses recursos doados vão diretamente para ações emergenciais, sem associação ao fortalecimento da sociedade civil organizada, seja porque priorizam as organizações maiores, que já têm mais capacidade institucional.

Assim, as oportunidades para a mídia envolvem a qualificação da cobertura da área, com princípios básicos do bom jornalismo, para nortear o olhar coletivo sobre este setor fundamental para a construção de uma sociedade mais sustentável e justa.



Ampliar e qualificar cobertura sobre as OSCs para evitar formação de conceitos equivocados, como o volume de direcionamento de recursos para o setor.

Ampliar a cobertura sobre as OSCs para expandir visibilidade, evitando limitar-se à abordagem de nicho, ressaltando o papel do setor no sistema de pesos e contrapesos da democracia e do Estado de Direito.





## OPORTUNIDADES PARA ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL

A maior oportunidade para as OSCs neste momento é a colaboração com outras OSCs, a articulação, o trabalho em rede — além, evidentemente, de iniciativas de enfrentamento dos muitos desafios que afetam as comunidades atingidas pela pandemia. Troca de experiências e ações conjuntas em mobilização de recursos, fortalecimento institucional e digitalização de equipes, por exemplo, são fundamentais para a sobrevivência e para o impacto hoje e no “novo normal” que emergirá após a quarentena. Isso vale tanto para as 18% que se dizem fortalecidas quanto para as 73% enfraquecidas pela Covid-19 — todas se beneficiarão de uma percepção social qualificada sobre o papel central e único das OSCs na promoção do bem comum.

Assim, as oportunidades identificadas adiante, adensam e especificam diretrizes que vinham sendo propostas para o setor desde o boom do setor nas décadas de 1990 e 2000.

### IMPACTO COLETIVO

Atuar para fortalecer uma cultura colaborativa no setor, para captar ou intermediar recursos, compartilhar boas práticas e casos de sucesso de ações e desenvolver projetos e programas de forma integrada com outras OSCs.

### GESTÃO

Usar evidências sobre o impacto da Covid-19 na vida dos públicos atendidos pela OSC para planejar e propor novos pedidos de apoio de médio e longo prazo, a partir de leituras do seu campo de atuação.



Explorar ferramentas digitais que facilitam os processos colaborativos da equipe.

Investigar novos possíveis públicos atendidos e formas de atuação a partir dos novos projetos gerados a partir da Covid-19.

### RECURSOS

Desenvolver planos de mobilização de recursos, articulando as áreas estratégicas e meio da organização, e considerando ações táticas utilizadas emergencialmente que possam permanecer como ativos para a organização:



- Priorizar o desenvolvimento de um plano de captação online e comunicação para áreas meio da organização.



- Pleitear apoio de médio e longo prazo fundamentados na gestão financeira e planejamento estratégico.



- Reconhecer e resgatar voluntários e doadores que apoiaram a organização durante a crise.





## JANELA DE OPORTUNIDADE

“Teremos problemas econômicos. Sou bem pessimista em relação aos próximos anos de investimento. Deve ter uma tendência de diminuição de recursos, com certeza. Para se manter em pé, vai depender do quanto cada organização se fortaleceu.

Temos que aproveitar o momento para mostrar o quanto este setor é necessário. Mostrar como somos transparentes e extremamente relevantes. Sem estas instituições, as ajudas emergenciais não teriam acontecido. Como setor, é o momento de criar essa mensagem. Talvez daí possa surgir essa janela de oportunidade de aproveitar doadores. Usar o momento para dizer que só deu certo porque existem recursos humanos profissionais. Usar as grandes OSCs para mostrar.”

Diretora, OSC de desenvolvimento comunitário

## CONCLUSÃO

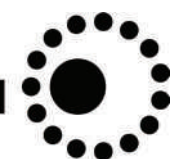
Partindo do pressuposto de que as OSCs compõem um dos pilares de um país sustentável, justo e democrático, os parceiros deste Estudo reconhecem que há neste momento uma janela de oportunidade para cada um de nós, a partir de seu campo de atuação específico, contribuir para o fortalecimento e o impacto da sociedade civil organizada no Brasil.

Passada a etapa mais emergencial da ajuda humanitária, toda a sociedade é chamada a cumprir seu papel para que as OSCs possam seguir relevantes e resilientes, para que possam enfrentar os desafios sociais e ambientais decorrentes da pandemia e fortalecer o tecido social brasileiro.

## COORDENAÇÃO



## APOIO FINANCEIRO



## COMITÊ ESTRATÉGICO



## PARCEIRO TÉCNICO DA PESQUISA



## IDENTIDADE VISUAL E MATERIAIS DE COMUNICAÇÃO





ESTUDO

IMPACTO DA  
**COVID-19 NAS OSCs**  
BRASILEIRAS:

da resposta imediata à resiliência